SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXIX
OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1973
N.º 342/343

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

RESCALDO DE UM VERÃO APETECÍVEL

NO PORTO

O XII ACNAC da AEP evidenciou a evolução do Escotismo no Norte



O XII Acampamento Nacional dos Escoteiros de Portugal, realizado de 18 a 26 de Agosto, foi sem dúvida, um marco mais na vida da AEP.

O Norte foi o anfitrião e o realizador daquela grande actividade escotista e pode afirmar-se que soube receber condignamente, como já é de sua tradição, todos os escoteiros que participaram naquela efeméride escotista.

O terreno do futuro Parque de Campismo da cidade foi o local onde dezenas de tendas multicoloridas se levantaram para albergar rostos risonhos de jovens prontos à acção e à amizade.

Situado na orla da cidade, perto de Matosinhos, tem a dois passos o mar, com interessantes praias que, no entanto, não foram muito convidativas para os rapazes do sul, dada a frigidez das águas.

A inauguração do XII ACNAC

No domingo, dia 19, pelas 11 horas da manhã, realizou-se a cerimónia da inauguração do acampamento.

À grande clareira, magnífica para reuniões daquele género, afluíram rapazes de todo o Portugal continental, da Madeira, Açores, Angola e Moçambique.

Do estrangeiro, vieram alguns escoteiros belgas, franceses, um norte-americano, e um australiano, o que deu ao acampamento um certo carácter internacional.

Precederam a inauguração duas cerimónias religiosas: um culto evangélico, celebrado pelo Rev. Aspey, e uma missa católica romana, oficiada por Frei Bernardo.

Depois daquelas cerimónias, a que assistiram os srs. Eng. Vasconcelos Porto e dr. Manuel Seabra, respectivamente presidente das Câmaras Municipais do Porto e de Matosinhos; dr. João de Oliveira, representando o Secretário de Estado da Juventude e Desportos; contra-almirante Henrique Tenreiro, comodoro Tengarrinha Pires e eng.º José Maria Nobre Santos, respectivamente presidente, escoteiro-chefe-geral e seu adjunto, da AEP e ainda outras individualidades, deu-se início ao grande acampamento, com o içar das bandeiras nacional, associativa e dos grupos presentes.

Arnaldo Couto, escoteiro-chefe do XII ACNAC, usou então da palavra para agradecer a presença das individualidades e para afirmar que a sua ida ali constituía motivo de satisfação, dado que o escotismo só pode beneficiar ao ser devidamente apoiado.

De seguida, tomou a palavra o contra-almirante Henrique

Continua na pág. 5



E assim começou o XII ACNAC! Eis um aspecto da cerimónia da inauguração do Acampamento Nacional da AEP. Vêem-se os presidentes da Câmara Municipal do Porto, a quem se deve a cedência do magnífico Parque, e da Direcção da AEP, entidades oficiais, dirigentes associativos, escoteiros e um lobito e uma avezinha, além do público que ali acorreu a exprimir a sua simpatia pelos escoteiros. *(Fot. de Eduardo Macedo)*

EM LEIRIA

Milhares de jovens construíram em pano uma verdadeira cidade-convívio

Leiria não é uma cidade recôndita do nosso Portugal, desviada no mapa ou ignorada da maioria da população. Pelo contrário: é uma cidade cruzada diariamente por milhares de automobilistas que demandam os caminhos do Norte, do Sul ou do Centro do País.

Todavia, poucos ali param, a não ser por escassos momentos para tomar uma fugidia refeição ou encher de carburante o depósito do automóvel que os levará a afastar de novo e mais depressa.

É que Leiria, apesar de simpática e hospitaleira, pouco terá para atrair e fixar o viandante, já que para além do vetusto e histórico castelo os valores turísticos da cidade estarão ainda por revelar.

Mas desta vez os escoteiros descobriram Leiria e, durante alguns dias, emprestaram-lhe a animação e colorido da sua azáfama e alegria, fazendo convergir para a bonita cidade a atenção das mais altas figuras da Nação, a imprensa, a rádio, a televisão e muitos milhares de jovens portugueses.

Ali, à beirinha da cidade, na maravilhosa Mata dos Marrazes, montou o CNE o XIV Acampamento, para finalizar as comemorações dos seus 50 anos de existência.

Magnífica cidade de pano e habilidade, traduziu, perante milhares de visitantes, tal como uma outra mais pequena que se erguia entretanto cerca do Porto, a realidade flagrante de uma juventude que ama a Natureza e fomenta o convívio são no meio das coisas simples, sem complexos, sem inibições, sem álcool, sem drogas!

A inauguração

Cerca das 17 horas do dia 19 de Agosto, aquela multidão de mais de três milhares de rapazes, alegres mas respeitadores, descontraídos mas aprumados, começaram a encher a grande arena do acampamento.

Continua na pág. 6

Número especial duplo, comemorativo dos Acampamentos Nacionais da AEP e do CNE



Grupo N.º 2

Simpósio Escoteiro

Este grupo projecta levar a efeito, durante o mês de Novembro, um simpósio escotista subordinado ao tema «*O escotismo e a sua validade na actualidade*».

Para esta iniciativa, integrada nas comemorações dos 60 anos daquela unidade da A. E. P., vão ser convidados todos os grupos de escoteiros da capital.

A. I.

Grupo N.º 5

LX aniversário

A festa do 60.º aniversário deste Grupo realizou-se no passado dia 6 de Setembro e decorreu no meio da maior animação.

Em primeiro lugar, foi servido um beberete a todo o actual efectivo do grupo, em que esteve presente o antigo chefe, o nosso companheiro Mário Fernandes, o qual dirigiu as canções interpretadas pelos escoteiros, sempre no meio da animação que lhe é peculiar.

Foi ainda este antigo dirigente que falou aos escoteiros acerca da história desta velha unidade escotista, revelando-lhes os períodos de maior brilho do Cinco. No final, todos os presentes entoaram o hino da AEP.

Gincana para motoretas

Este grupo projecta realizar neste mês e em Novembro, no Parque de Escotismo da Caparica, gincanas para motoretas e uma prova de marcha na qual poderão participar os escoteiros, lobitos e caminheiros de qualquer grupo. Vão ser enviados convites para este efeito aos diversos grupos de escoteiros.

Grupo N.º 8

Compromisso de honra

No dia 5 de Agosto, no Parque de Escotismo da Caparica, fizeram compromisso de honra os seguintes escoteiros: José António Rodrigues Coelho, Fernando Rosa Soares, Joaquim Augusto Antunes Loureiro, José Francisco Albuquerque Ferreira, Rui Filipe Teixeira de Sousa, Carlos Alberto Cadima Rocha e Vítor Manuel Soeiro Amorim.

No mesmo dia, fizeram também o compromisso de honra os seguintes caminheiros:

José Ernesto Martins da Silva Carvalho, José Manuel Andrade Magalhães e João Manuel Barros Pessoa.

Actividades

Entre as numerosas actividades levadas a efeito por este grupo, destacamos um acampamento de lobitos nos dias 25-26 de Agosto, que encerrou as actividades daquela divisão no ano de 1972-73.

Grupo N.º 31

Curso de Bombeiros

No passado número de Agosto, por lapso omitimos este grupo na notícia sobre um curso de bombeiros, que aliás foi promoção desta unidade escotista.

O lapso deve-se a informação deficiente e, do facto, apresentamos as nossas desculpas ao referido grupo.

A chefia do grupo 31 comunica que todos os restantes grupos de Lisboa podem participar naquele curso, dirigido pelo bombeiro sr. Aires Mira, desde que comuniquem com aquele grupo.

Actividades

Este grupo, que funciona no bairro da Cruz Vermelha, efectuou durante o mês de Agosto as seguintes actividades:

— Dias 18 e 19, acampamento no Parque de Escotismo da Caparica para escoteiros e lobitos.

— Dia 26, actividade de convívio com outros rapazes, a convite da Torralta.

— Dia 15, visita de estudo aos serviços telegráficos e telefónicos da Companhia Portuguesa Rádio Marconi.

Grupo N.º 94

Este grupo comemorou no dia 29 de Setembro, na sua sede, o final do ano escotista de 1972-73, com uma reunião especial durante a qual prestaram a Promessa os lobitos Álvaro José Pereira Graça e Paulo José Lambert que ingressaram no Bando Branco e o Compromisso de Honra os escoteiros Jorge Manuel Teixeira Montes e Arménio Duarte Marques que foram colocados na patrulha Cão.

Depois daquelas solenidades a que assistiram familiares dos escoteiros e lobitos, seguiu-se uma exibição de filmes recreativos.

A. I.

XI Pão aos Pombos

No dia 4 de Novembro, realiza-se esta bela iniciativa do Grupo dos Amigos dos Animais e das Plantas, sob a égide do jornal *O Educador*, prestigioso órgão de imprensa há largos anos editado pela Papelaria Fernandes, SARL.

A concentração faz-se às 9 ½ horas, no arruamento poente do Parque Eduardo VII. Aqueles que tomarem parte nesta iniciativa serão divididos em duas caravanas, que cobrirão diferentes percursos, durante os quais será oferecido milho aos pombos dalgumas praças e jardins de Lisboa. No final, as duas caravanas reunir-se-ão no Jardim da Estrela, onde será feita a «queima das fisgas», «destruição de ratoeiras» e os concursos *Os vasinhos mais lindos* e *O cãozinho... mais cãozizinho*, este último realizado pela primeira vez.

Como habitualmente, tomarão parte crianças e jovens de diversas escolas, colégios e instituições educativas com o apoio da Sociedade Protectora dos Animais, Federação das Sociedades de Cultura e Recreio, Corpo Nacional de Escutas e Polícia de Segurança Pública.

A partida do Parque Eduardo VII, elementos da Escola Prática de Transmissões farão uma solta de pombos, espectáculo tão do agrado da petizada. No decurso da jornada, ranchos infantis entoarão canções adequadas.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Escotismo em todo o tempo

(...) Quando chega o Outono, a grande família escoteira costuma experimentar uma rara transformação, não prevista nos regulamentos nem nos livros que tratam de todas as nossas coisas. O primeiro ventozinho fresco que nos chega obra o milagre de dividir em duas a nossa família escoteira, constitui dois núcleos perfeitamente definidos e com carácter completamente distinto: o núcleo de escoteiros de verdade, que seguem adiante no seu adestramento, e o núcleo de escoteiros de mentirolas, que se escondem em casa até que chegue outra vez o Verão.

Os veraneantes estão dando agora os últimos passos vacilantes, tal como o urso antes de submergir-se no seu pesado sono invernal. Eles são esses escoteiros — de algum modo temos de os chamar — que não podem suportar a chuva sem se constiparem, o vento sem espirrar ou a neve sem tiritar horrorosamente. São escoteiros porque têm uniforme como os escoteiros. São flores de Verão, melhor: de invernadouro. São... ursos.

Os de Verão e de Inverno, os de Outono e Primavera, fazem como as andorinhas: buscam novos cenários, novas terras para seguir o seu voo, a sua caça, o seu alegre trinar, cara ao vento precursor da tormenta. São esses escoteiros duros, fortes, bem treinados, para quem o Outono é a ocasião de fazer as melhores correrias pelo campo sem aquele asfixiante calor que só impulsionava ao mergulho, ao banho. Eles mantêm a sua actividade de campo e aclimatam-se insensivelmente a uma temperatura cada vez mais fria, aos ventos agrestes, à chuva, à neve.

B.-P. concebeu assim os escoteiros, para todo o tempo, para toda a ocasião, para toda a circunstância. «Sempre Pronto». E a palavra *sempre* não é só aplicada ao Verão.

Enrique Genovés

Agência-Geral do Ultramar

Recebemos três recentes edições de trabalhos que versam assuntos relacionados com o nosso Ultramar: «Factos e Figuras do Ultramar», do prof. Marcello Caetano; «Cabo Verde — 72 — Ano Quinto de Seca», por Hândel de Oliveira; e «Actividades Culturais do Ultramar».

Agradecemos à Agência-Geral do Ultramar a gentileza.

Almanaque Anuário Ilhéu

Recebemos a 1.ª edição deste Anuário, publicado em Angra do Heroísmo, que contém variada colaboração e informações de muito interesse para os povos dos Açores. Insere também um trabalho acerca dos objectivos do Escotismo da autoria do nosso estimado amigo e delegado naquele arquipélago E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva.

Agradecemos.

DUAS VISITAS DE AMIGOS

Quando o Escotismo é factor de Amizade

A Amizade é sentimento que muito prezamos aqui no «Sempre Pronto» e, felizmente, são muitos os Amigos que temos conquistado durante a caminhada árdua que tem sido a vida do nosso jornal.

Por isso, é sempre com grande prazer que recebemos a visita de qualquer desses amigos, sobretudo dos que vivem longe, cujo abraço traz quase sempre a compensação de tantos esforços na certeza de que «Sempre Pronto» continua a ser elemento de grande utilidade ao serviço do escotismo português.

Jacinto dos Reis Moniz Silva, companheiro desde a primeira hora e nosso dedicado Delegado para os Açores, sabe já quanta alegria sentimos em vê-lo e conhecer de viva voz tudo acerca do Movimento nas suas Ilhas.

Em breve estadia na Metrópole, com vista a estar presente no XII Acampamento Nacional, não deixou de vir cumprimentar-nos desta vez acompanhado do seu adjunto sr. Leopoldino Tavares, dedicando-nos ambos alguns momentos, que se transformaram um agradável convívio, durante o qual pudemos analisar largamente os problemas do escotismo insular, procurando, inclusive, algumas soluções.

Esperamos que, da experiência do chefe Moniz Silva, da sua confiança nos bons colaboradores que possui e do dinamismo de Leopoldino Tavares, possa surgir muito em breve uma nova fase para o Movimento nos Açores.

Esteve igualmente entre nós, também por força da realização do XII Nacional, o nosso estimado Correspondente em Benguela, sr. Manuel Nunes Pereira, que nos deu o prazer de o conhecer pessoalmente, levando o nosso abraço a todos os nossos amigos de Angola.

Manuel Nunes Pereira, chefe do Grupo n.º 36 de Benguela, um dos principais impulsionadores do surto de desenvolvimento que o Movimento tem registado em Angola, tem trabalhado pela formação de novos grupos, empenhando-se agora na fundação dos grupos de Sá da Bandeira, Novo Redondo e Nova Lisboa.

O Chefe Manuel, que nos proporcionou uma longa troca de impressões, revelou-se-nos de uma excepcional envergadura escotista (que nos perdoe a sua modéstia), dando-nos a certeza de que não é por mero acaso de felizes circunstâncias o excelente trabalho realizado já pelo Grupo n.º 36, o maior e o mais apetrechado escotistamente de todos os grupos da A. E. P.

O Grupo n.º 36, que tem sede própria graças ao excelente trabalho dos escoteiros, que adaptaram uma estação de caminho de ferro abandonada, tem igualmente, junto desta, um anfiteatro para actividades, totalmente construído pelos escoteiros, está a preparar um parque de actividades privativo, a 30 km de Benguela e produz semanalmente um programa radiofónico inteiramente dedicado à divulgação do Escotismo. Tem participado em muitas actividades com carácter social, destacando-se a sua excepcional acção quando das catastróficas inundações do Lobito e no surto de cólera que ameaçou Benguela em 1971, em que os escoteiros, intervindo a expresso pedido do Governador do Distrito, trabalharam dia e noite no isolamento e *contrôle* da área afectada, actuando desde o simples mas rigoroso serviço de policiamento ao serviço de sanidade, inoculando milhares de vacinas. O largo prestígio de que gozam os escoteiros em Benguela revelou-os, nesta eventualidade, com os mais eficientes socorristas em situações de emergência.

Tudo isto vamos registando através das palavras simples, ainda que repassadas do maior entusiasmo e acentuado amor ao Escotismo, do chefe Manuel, que nos conta ainda como veio para o Movimento, já adulto e apenas há cinco anos.

«— Sempre gostei das actividades juvenis e, por isso, quase logo que cheguei a Benguela (há 9 anos) que me envolveram na direcção do Benfica local. Mais tarde, foi o Zé Manel (Ribeiro e Cunha), que com seu pai, A. A. Silva e Cunha insuflavam o Escotismo lá na Província, que me desafiou a ligar-me ao grupo de escoteiros. Fui ver e gostei da forma como a rapaziada agia. Logo a seguir combinámos um acampamento em Sá da Bandeira, onde se projectava (e continua a projectar) uma nova unidade da A. E. P. Mas à última hora o Zé Manel não pôde ir e eu tive que seguir com a rapaziada. Ora lá estava-nos reservada uma excelente recepção que metia discursos e entrevistas para a imprensa e rádio. Já podem adivinhar o meu susto, pois naquela altura nada sabia ainda de Escotismo. Felizmente, a entrevista para a rádio não pôde realizar-se por dificuldades técnicas e no resto lá me safei como foi possível».

Não há dúvida nenhuma que o chefe Manuel (como gosta de ser tratado) ficou suficientemente vacinado pelas dificuldades das primeiras horas e, graças ao seu entusiasmo e querer, é hoje um dos mais competentes e activos dirigentes com que a A. E. P. pode contar.

Por nosso lado, sentimo-nos honrados com a sua amizade e registamos com prazer a colaboração que nos dispensa, fazendo votos para que uma e outra se intensifiquem ao serviço do ideal comum que nos anima.

M. G.

FILATELIA

Emissão comemorativa do 60.º aniversário do Escotismo em Chipre

Os Correios de Chipre emitiram um selo de valor facial de 10 Mils. para comemorar esta efeméride. Reproduz o símbolo do Escotismo.

60.º aniversário da A. E. P.

A Secção Filatélica da Fraternal oferece até 31 de Dezembro deste ano, pelo preço de 25$00, uma colecção de peças filatélicas com sobrescritos postais e vinhetas, das diferentes actividades da Fraternal, do Jambori do Ar e da A. E. P.

Os pedidos pelo correio devem ser acrescidos do respectivo porte postal.

Como já é do conhecimento dos nossos leitores, a referida Secção Filatélica editou duas interessantes vinhetas comemorativas do aniversário da fundação da A. E. P. com os retratos do primeiro presidente da Fraternal e do primeiro chefe-geral, respectivamente Dr. Tovar de Lemos e Comandante Melo Machado.

Os pedidos podem ser feitos para a Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, Rua de S. Paulo, 254-1.º, Lisboa 2, ou para a Redacção do nosso jornal.

O DEUS DELES MORREU

O artigo que publicámos no último número sob esta mesma epígrafe, da autoria do nosso querido colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira, despertou, como é habitual com os trabalhos que temos a honra de publicar deste nosso distinto amigo, grande interesse por parte dos nossos leitores.

A fim de que pudéssemos dar o relevo que realmene merecem essas manifestações de interesse, pena é que elas não sejam formuladas por escrito, como a que acabamos de receber do nosso estimado assinante sr. Francisco José Azedo Branquinho Carreiras, de Santarém, que nos diz o seguinte:

«O sr. Rev. Eduardo Moreira promete-nos que, se forem julgados oportunos, nos falará doutros assuntos, cujos temas indica.

«Não sei o que pensam os leitores do vosso jornal, mas eu acho que sim, que os assuntos são de muito interesse, demais a mais tratados por uma pena especialmente dotada para nos dar belas lições, como a que leio no Sempre Pronto, *subordinada ao título* O Deus deles Morreu, *em que não sei que mais admirar: se a singeleza dos conceitos, se a clareza do pensamento, se a pureza da doutrina.*

«Que o Rev. Moreira não hesite em conceder-nos o privilégio de o escutarmos no estudo dos restantes temas que sugere. Entre eles, Os três MM da guerra *e* O malefício do amor do dinheiro e o benefício do dinheiro no amor *são assuntos que suscitam o meu interesse muito em espedial.»*

Julgamos desnecessário acrescentar mais palavras para que fique devidamente demonstrado o apreço em que são tidos, pelos nossos leitores, os trabalhos da autoria deste nosso mui prezado colaborador.

Os Acampamentos Nacionais da AEP

O Escoteiro-Chefe Geral Adjunto, o nosso amigo sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, digna-se chamar-nos a atenção para o facto de a lista dos Acampamentos Nacionais da AEP, que publicámos no número de Agosto último, não estar correcta.

Efectivamente, são várias as emendas a fazer na lista apresentada: até ao 5.º acampamento, realizado em 1935, no Estoril, nada há a alterar. Porém, os acampamentos a que nessa lista foram atribuídos os números 6.º e 9.º (o de Alcobaça, Aljubarrota e Batalha, de 1936, e o do Estoril, de 1944) devem ser dali cortados.

Assim, o da Quinta da Fonte (Lisboa), de 1938, passará a ser o 6.º, o dos Centenários (Lisboa) de 1940, será o 7.º, o de Carcavelos (1950) o 8.º e o *Anaju* (Caparica) de 1964, o 9.º.

Há a juntar, depois, o 10.º, realizado de 3 a 11 de Setembro de 1966, na Caparica; o 11.º, o *Xiacnac*, realizado, também na Caparica, de 15 a 22 de Setembro de 1970; e agora o 12.º que, como sabem, se realizou no Parque da Cidade, no Porto, de 18 a 26 do passado mês de Agosto, e recebeu o nome de *XII Acnac*.

Aqui fica a rectificação, com os nossos agradecimentos àquele dirigente escotista e nosso prezado assinante, com as nossas desculpas a todos os leitores e a promessa de voltarmos a publicar a lista completa e rectificada dos acampamentos nacionais assim que o espaço no-lo permitir, ou seja, num dos próximos números.



Joaquim Roteiro de Sousa

O exemplar do nosso jornal enviado a este nosso antigo e dedicado assinante veio duas vezes devolvido com a nota de ter falecido. Este nosso amigo fixara residência em Famalicão da Nazaré, parece que depois de ter passado pelo golpe do falecimento da Esposa.

Joaquim Roteiro de Sousa foi chefe de um grupo de escoteiros na cidade da Beira, onde prestou serviços relevantes ao Movimento, mantendo através de muitos anos uma dedicação ao Escotismo e um interesse constante pelo nosso jornal.

Na gravura, que junto publicamos, vê-se o Chefe Roteiro de Sousa, ainda jovem, dirigindo o seu grupo numa guarda de honra a pioneiros da aviação portuguesa que passaram pela cidade da Beira. Na gravura vêem-se ainda os aviadores António de Oliveira Viegas (actualmente general), major Celestino Pais Ramos, já falecido, que eram os pilotos, capitão João Maria Esteves, observador, morto de desastre em 1931, e o sargento Manuel António, mecânico.

À família de Roteiro de Sousa, apresentamos condolências sentidas.

Fernando Jorge Teodoro das Candeias Paulo

Vítima de um lamentável acidente, quando seguia de bicicleta na estrada Évora-Alcáçovas, no passado dia 13 de Agosto, faleceu o escoteiro Fernando Jorge Teodoro das Candeias Paulo, de 17 anos de idade, filho de Francisco das Candeias Paulo e de Maria Virgínia Rosa Teodoro Paulo.

Fernando Jorge, pertencia à 8.ª Secção, Alfama, do 2.º grupo dos Escoteiros de Portugal, e fizera o compromisso de honra em Fevereiro deste ano, sendo instrutor de tribo da referida secção.

À família enlutada e aos escoteiros do Grupo n.º 2, «Sempre Pronto» apresenta sentidos pêsames.

Maria Goretti Guerreiro Machado

Esta nossa prezada camarada guia da cidade da Beira acaba de renovar a assinatura de «Sempre Pronto», acto que aproveita para nos dirigir palavras de muito apreço e amabilidade que não queremos deixar de reproduzir:

«Aproveito o ensejo para lisonjear o vosso trabalho de imprensa no referido jornal, pois que ele vai de encontro aos esforços que têm feito para o melhorarem e é com certeza um passo firme para a divulgação do Escotismo, do alto ideal que comummente abraçamos. Desejo portanto ao Sempre Pronto *e aos seus responsáveis muito ânimo para prosseguirem».*

Gratos por tão encorajantes palavras.

Uma faceta escotista que não se deve descurar: As actividades de carácter internacional

É para o mundo de amanhã que formamos os rapazes — um mundo cuja dimensão internacional em matéria de comunicações, de ciência, de tecnologia, de economia, etc., aumenta constantemente. Além disso, a nova geração de hoje é muito mais internacional na sua maneira de pensar que qualquer das outras que a precederam.

O escotismo é um programa internacional. Tudo nele se apresta para iniciar os jovens no conhecimento do resto do mundo e familiarizá-los com ele, isto porque a sua vocação reside em grande parte no estabelecimento de laços de amizade entre os homens de todos os países. Poder-se-ia até dizer que o chefe que omite do seu programa as actividades de carácter internacional não cumpre todas as suas obrigações.

Os contactos entre dirigentes de diversos países, sob a égide dos comissários internacionais, constitui um passo importante no estabelecimento de relações válidas. As oportunidades que são oferecidas no campo das actividades internacionais são numerosas, portanto não podemos aqui apresentar senão algumas, seleccionadas de uma recente publicação da **Scout Association** da Grã-Bretanha.

A ALCATEIA (a primeira visão sobre o mundo exterior)

Canções, gritos, jogos e sugestões do estrangeiro. Fauna e flora doutros países. Colecções de postais ou selos estrangeiros. Donde vêm certos produtos da nossa alimentação? Jornadas em que as alcateias se encarregam de encontrar um visitante estrangeiro para o convidar a visitar a alcateia e a falar do seu país. O pai de um lobito ou um seu amigo que se dispõe a projectar diapositivos tirados durante uma viagem ao estrangeiro. Estabelecimento de laços de amizade especiais com uma alcateia estrangeira para a permuta de livros de desenhos, gravuras e recortes de jornais, de insígnias, jogos, fitas de gravação, etc.

A TRIBO ESCOTISTA

Actividades internas: jogos, artesanato e sugestões doutros países. Noites de cozinha, canções ou fogo de conselho internacionais. Debate sobre o campismo no estrangeiro ou sobre o escotismo mundial e acerca do trabalho da Secretaria Mundial. Estabelecimento de laços de amizade e correspondência com outras patrulhas estrangeiras. Acolhimento de escoteiros estrangeiros; convites para um acampamento de Verão. Prestação de provas para a insígnia de amizade internacional. Preparação de uma viagem ao estrangeiro: itinerário, passaportes, câmbio de moeda, ementas, etc.

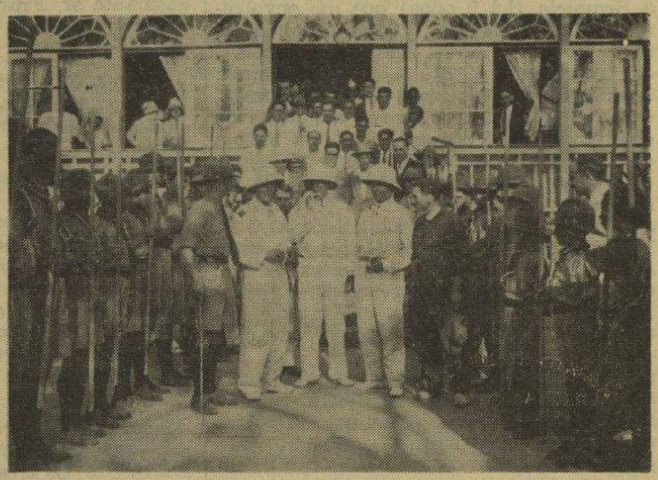
Actividades no estrangeiro (estabelecer primeiro os contactos locais): As *actividades em comum:* cozinha, jogos, explorações, etc. Fogo de conselho com os escoteiros locais e convites a não escoteiros. Participação num serviço à comunidade local ou efectivação doutra Boa Acção. Estudo da história, dos costumes e da arquitectura locais. Concurso para a melhor reportagem sobre a região visitada.

OS CAMINHEIROS

Internamente: Discussão com jovens imigrantes estrangeiros: o Mercado Comum, a ONU, a FAO, a UNESCO, o escotismo e o guidismo mundiais, etc. Estabelecimento de relações de amizade com Clãs estrangeiros: preparação de campos de trabalho e de projectos em comum. Estudo de línguas estrangeiras.

No estrangeiro: Especialidade de explorador. Projectos clássicos ou individuais. Projectos ou acampamentos que tenham por tema o serviço e o desenvolvimento. Esqui, alpinismo ou, simplesmente, um acampamento junto ao chalé do Clube Alpino Escotista de Kandersteg, na Suíça (por exemplo). Aventuras originais de qualquer natureza, tendo por base o estabelecimento de relações humanas internacionais.

Do World Scouting Newsletter



OS ESCOTEIROS DE MOURA

têm trabalhado no saneamento do Rio Guadiana

Entre Mourão e Moura, apareceram ultimamente no Rio Guadiana milhares de peixes mortos, facto que é muito lamentado pelo povo local.

Os escoteiros do agrupamento de Moura do CNE, num louvável espírito de serviço e de iniciativa, têm capturado e enterrado o peixe morto.

Eis um trabalho que dignifica o escotismo, prestigiando-o aos olhos das populações.

Um *bravo!* aos nossos camaradas mourenses.

Associação das Guias de Portugal

O *Diário do Governo*, III série n.º 223, de 22 de Setembro p. p., publica os estatutos da Associação das Guias de Portugal, aprovado que foi o seu texto pelo secretário de Estado da Juventude e Desportos.

IMPRENSA ESCOTISTA

«O Penachinho»

Recebemos mais um número — o 6.º — deste interessante boletim, órgão do Grupo 36, de Luanda.

De muito bom aspecto gráfico e bem executadas ilustrações, «O Penachinho» demonstra bem o espírito escoteiro dos seus colaboradores.

RESCALDO DE UM VERÃO APETECÍVEL (NO PORTO)

Continuação da pág. 1



O Eng.º Salvador Fernandez, director da Secretaria Mundial do Escotismo, visita o XII Acnac, acompanhado pelo Eng.º Nobre Santos, escoteiro-chefe geral adjunto da AEP, e por Arnaldo Couto, escoteiro-chefe do Acnac

(Fot. gentilmente cedida por «O Primeiro de Janeiro»)

Tenreiro que, na sua qualidade de presidente da AEP, afirmou ser com muita satisfação que assistia à cerimónia comemorativa dos 60 anos da sua associação.

Agradeceu também o auxílio e facilidades concedidas pelo Município do Porto para a realização do acampamento, sem os quais a actividade não poderia ter o brilho que merecia. Terminando a sua alocução, dirigiu-se aos escoteiros, exortando-os a seguir os conselhos dos seus chefes para que o escotismo em Portugal se tornasse uma realidade.

Falou, finalmente, o presidente da Câmara Municipal do Porto, Eng.º Vasconcelos Porto, que saudou efusivamente os escoteiros por escolherem a Capital do Norte para aquela grande actividade da juventude, salientando que tinham sido os primeiros a utilizar o Parque de Campismo da cidade que a Câmara está a preparar para receber gente de todos os locais. Fez votos de que todos os escoteiros levassem as melhores recordações da cidade e colocou o Município ao dispor do movimento escotista.

Depois daquelas palavras, os visitantes oficiais foram saudados galhardamente pelos escoteiros, tendo sido entoado o hino da AEP, procedendo-se, também, à entrega dos distintivos do acampamento às entidades presentes.

A cerimónia inaugural terminou com a interpretação do hino do XII ACNAC, da autoria do antigo dirigente Manuel Tacão Monteiro.

Depois da cerimónia, as entidades oficiais percorreram todo o campo, apreciando as variadas construções e o trabalho escotista levado a cabo pelos escoteiros.

«Raízes de Portugal»

Pretendeu a organização do acampamento dar oportunidade aos escoteiros, especialmente aos visitantes, de conhecerem um pouco do norte de Portugal, nomeadamente o «berço» onde surgiu a nacionalidade. Simultaneamente, quis fomentar a confraternização entre a rapaziada presente.

O objectivo foi atingido com pleno êxito, através de uma excursão, realizada em autocarro, denominada «Raízes de Portugal».

Assim, no dia 20, manhã cedo, dezenas de rapazes abalaram para cobrir um interessante itinerário que incluía a Póvoa de Varzim, Ofir, Barcelos, Braga, Guimarães e Santo Tirso, donde se regressou por volta das 20 horas.

Em Guimarães, foi feita uma demorada visita ao castelo, que se pode considerar o «berço de Portugal».

As patrulhas entregaram no final, na chefia do acampamento, um relatório sobre aquela magnífica actividade.

Segundo a opinião dos rapazes forasteiros, aquela excursão constituiu uma das jornadas mais interessantes do acampamento, dado que a grande maioria não conhecia aquelas paragens.

O Desporto não faltou!

Entre as bases do acampamento avultavam os torneios desportivos. Foi disputado um renhido torneio de voleibol entre as patrulhas acampadas.

Para os que não foram atraídos por esta modalidade, houve a possibilidade de afinar a pontaria em concursos de tiro ao arco, os quais se revelaram uma novidade para a maioria dos escoteiros e, por isso, a concorrência excedeu os limites do previsto, tendo as provas sido disputadas durante vários dias.

Pioneirismo em ponto grande

No dia dedicado ao pioneirismo, fizemos demorada visita ao acampamento.

Decorria uma magnífica prova, na qual participavam quase todas as patrulhas. Perto de uma trintena de trabalhos surgiam na vasta clareira. Pontes, cabanas, postos de observação, passarelas e muitas outras construções foram executadas com perícia e bom saber escotista.

Não vimos nenhum trabalho repetido, o que vem mais uma vez trazer à evidência o espírito de realização e invenção latente em todos os rapazes.

Gostámos do que observámos e, apesar de não nos ser possível estar presente todo o tempo, pudemos verificar que toda a actividade desenvolvida no XII Nacional dos Escoteiros de Portugal foi levada a cabo com segurança e objectividade e com agrado dos rapazes.

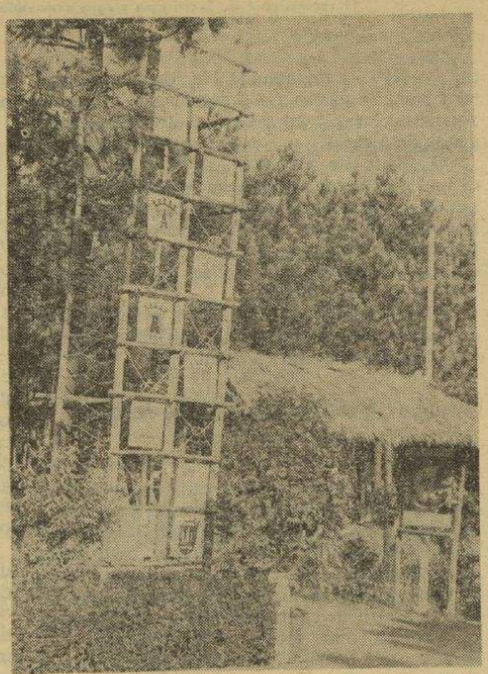
Um senão — e não há bela sem senão — saltou-nos à vista: a nítida separação entre os rapazes do norte e do sul. Questão de comodidade? Talvez! Mas mesmo essa não nos pareceu suficiente para justificar tal separação.

O Concurso Interpatrulhas - 73

Pode dizer-se que o objectivo da Chefia Geral foi o dar um incremento às patrulhas, proporcionando-lhes concursos a nível nacional, a que todas elas pudessem concorrer.

De facto, antes do XII ACNAC, decorreu o 1.º concurso - 73, cuja classificação final publicamos noutro local, e, no próprio acampamento, o 2.º concurso interpatrulhas - 73.

Actividade sem disputa entre patrulhas não é, em nosso entender, actividade própria para escoteiros e, neste caso, bem andou a chefia do XII ACNAC em organizar um concurso entre as patrulhas presentes, pois isso fez com que o entusiasmo dos rapazes se manifestasse constantemente.



Um aspecto do pórtico principal do XII Acnac, feito segundo desenho da autoria de Arnaldo Couto

(Fot. de W. Karl)

O concurso abrangeu praticamente todas as actividades levadas a efeito, desde as visitas às competições desportivas, desde a preparação dos campos até o fogo do conselho.

O vinho do Porto não foi esquecido...

Outra jornada que muito alegrou os escoteiros forasteiros foi a visita à cidade do Porto

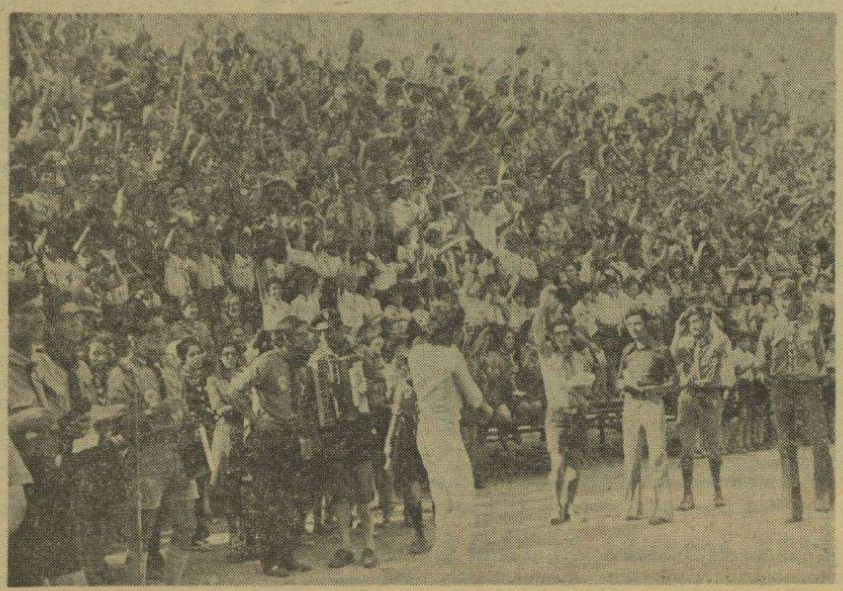
Continua na pág. 10

RESCALDO DE UM VERÃO APETECÍVEL (EM LEIRIA)

Continuação da pág. 1

Pouco depois chegaram as entidades convidadas para o acto, entre os quais o Assistente Nacional, D. Francisco Maria da Silva; o Director do Secretário para a Juventude, Dr. Pedro Castelo Branco, em representação do Secretário de Estado da Juventude e Desportos; Monsenhor Avelino Gonçalves; Governador Civil de Leiria; Presidente da Câmara Municipal e outras individualidades civis, religiosas e militares.

D. Paulo de Lencastre, Chefe Nacional Adjunto do CNE, declarou, então, inaugurado o XIV Acampamento Nacional e VI Internacional e os escutas presentes sublinharam aquela declaração com os seus característicos gritos de alegria.



A alegria não pode ser programada, visto que é de natureza espontânea. Eis um momento do acampamento de Leiria em que uma multidão de escoteiros e guias dá largas à satisfação que lhe vai na alma. O escotismo é de facto uma alegre camaradagem do ar livre, tal como quis B.-P.

(Fot. de W. Karl)

O Chefe de Campo, Xavier de Oliveira, dirigiu depois uma mensagem a todos os presentes, destacando a presença de Mons. Avelino Gonçalves, um dos fundadores do CNE, terminando por desejar aos escutas presentes «...que vos sintais muito felizes nesta aventura que vamos viver juntos».

A cerimónia terminou com a celebração de uma missa pelo Bispo de Leiria, acolitado por 27 assistentes em campo.

Lugar para todos e.. cada qual no seu lugar

Percorrer os diversos subcampos das 3 secções do Acampamento é jornada cansativa, mas agradável. Campos de patrulha bem arrumados, decorados com motivos escotistas, alguns com elevado sentido artístico, ligam-se através do arvoredo, formando uma cadeia que as amizades contraídas neste são convívio irão tornar mais forte e real perante a vida fora.

Aqui os diversos grupos do subcampo dos exploradores, revelando alguns primores de técnica de pioneirismo; mais além o subcampo dos lobitos com a alegria e a desarrumação características, quebra-cabeças das esforçadas Aquelás; depois, talvez no melhor local por escolha casual ou ditada pela experiência, o subcampo Rover, onde nos faz bem a convivência calma daqueles a quem a idade faz escolher e cultivar as amizades; por último, um subcampo extra, especial, onde se aprecia o remanso saudoso dos antigos que não quiseram deixar de estar presentes na mais vibrante jornada de toda a vida da sua associação. Vítor Faria, o Chefe dos Serviços de Imprensa e Vítor Touricas, um dos seus mais esforçados adjuntos, são os nossos amáveis cicerones, explicando-nos pormenorizadamente a natureza dos trabalhos realizados, os materiais aplicados, a idade dos seus intervenientes, etc.

Aproveitamos para conversar em tema mais alargado e vêm desabafos sinceros de quem está trabalhando com entusiasmo e desinteresse e que nem sempre vê à sua volta a mesma dedicação. É sempre assim. Nem todos sentem do mesmo modo estas coisas. Fala-se do melhor e do pior, mas sem paixões nem malquerenças, procurando encontrar soluções que nos tragam maiores alegrias, que nos permitam servir mais e melhor.

Actividade – movimento

Cerca de 400 dirigentes e caminheiros, distribuídos pelos mais diversos serviços, regulavam a vida daquela cidade. Sector importante, o das actividades, manteve sempre em movimento aqueles milhares de jovens sedentos de aventura. Vimo-los sair do campo, compenetrados da tarefa que lhes era exigida, vimo-los deambular pela cidade ou calcorrear a estrada em procura das soluções exigidas, vimo-los regressar, estafados mas felizes pelos resultados obtidos.

À noite, a alegria do Fogo do Conselho depressa fazia esquecer o esforço do exercício, deixando ficar apenas, mais fortalecidos, os momentos felizes da jornada.

Visitantes ilustres

No dia 24 de Agosto, pelas 17 horas, o Acampamento recebia a visita do Chefe do Estado, que era acompanhado pelo Subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, e pelos srs. Dr. Santos Júnior, D. Paulo de Lencastre, Bispo de Leiria, Dr. João de Oliveira, Prof. Vilar Moreira e ainda outras individualidades.

O Chefe do Estado, saudado por D. Paulo de Lencastre, foi ali, segundo disse, por duas razões: a primeira, como reflexo da juventude do seu país; a segunda, para agraciar Monsenhor Avelino Gonçalves, com a Comenda da Ordem de Santiago.

Também esteve de visita ao Acampamento, o Cardeal-Patriaca de Lisboa que afirmou: «Eu é que tenho de lhes agradecer a visita a este campo maravilhoso, onde encontrei a cada passo testemunhos do que vale o Escotismo na educação dos jovens».

Momento alto no acampamento foi ainda a visita do Chefe Nacional do C. N. E., D. José de Lencastre, que não quis deixar de estar presente junto dos seus rapazes no dia 23 de Agosto. Saudado com especial carinho e alegria pelos rapazes, afirmou-lhes: «... tão grande encontro, pela qualidade, é a afirmação viva de quanto pode o Escotismo...».

Esteve igualmente de visita ao acampamento, o secretário geral adjunto do «Bureau» Mundial do Escotismo, Eng.° Salvador Fernandez, que se deslocou a Portugal para tratar, com as duas associações escotistas, de assuntos relacionados com aquele Organismo mundial.

O Radioamadorismo projectou o XIV além-fronteiras

O radioamadorismo é uma modalidade em expansão por todo o mundo. Ele interessa ao Escotismo, porque representa, acima de tudo, comunicação, amizade.

O esforço de alguns dedicados operou milagres e o acampamento contou com um posto próprio de transmissão-escuta que contactou cerca de 400 estações, desenvolvendo excelente trabalho de propaganda do Escotismo e de divulgação do Jambori do Ar que se realiza no corrente mês. A propósito é de salientar o contacto feito com Leslie Mitchell o «Pai» do Jota.

Um jornal que foi notícia

O acampamento teve a servi-lo diariamente O JUBILAR, jornal de campo de excelente apresentação e valioso conteúdo que representou um assinalável serviço da equipa de imprensa. Nós, que vivemos já uma modesta experiência deste tipo num Acampamento da A. E. P., reconhecemos bem as dificuldades e canseiras de tão árduo quão espinhoso trabalho. Não podemos pois deixar de referir aqui a nossa admiração pela tarefa regularmente levada a cabo pela equipa redactorial de O JUBILAR.



Os escoteiros erguem o pórtico do acampamento de Leiria

(Fot. de W. Karl)

O encerramento não é o fim

Sem o entusiasmo e os gritos de alegria da abertura, fez-se o encerramento desta

Continua na pág. 11

COMO UM CAMARADA AÇORIANO VIU O ACNAC

• O XII ACAMPAMENTO NACIONAL
• ENCONTRO DA AMIZADE

De 17 a 27 do passado mês de Agosto, realizou-se no Porto o XII Acnac, que comemorou o 60.º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal, no qual tomaram parte escoteiros das diferentes partes da Metrópole, Ultramar, Madeira e Açores, estando estes representados pelos grupos 80, de Ponta Delgada, e 52, de Angra do Heroísmo.

No Parque da Cidade, à Estrada da Circunvalação, em Matosinhos, ergueu-se durante 10 dias uma cidade de lona a que não faltou o correio (com carimbo próprio do dia da inauguração), cantina, serviços de secretaria e enfermagem e serviços religiosos.

As Regiões do Norte, do Sul e do Centro eram as mais povoadas, visto a zona reservada ao Ultramar e Ilhas, onde também ficava uma delegação da Mocidade Portuguesa, e a zona destinada à Fraternal dos Antigos Escoteiros terem menos elementos em campo, o que bem se justifica, pelas dificuldades impostas pela deslocação. Um escoteiro austríaco, alguns belgas e um comissário de zona americano também estiveram presentes.

A arena ocupava vasto recinto, onde dispunha em forma de ferradura mastros com as bandeiras nacional, da Associação e da Câmara Municipal do Porto (estas três em evidência) e as de todos os grupos representados. Ali se celebravam, aos domingos, os serviços religiosos (evangélico e católico) e, à noite, se realizaram os fogos de conselho, ficando memorável o último, a que assistiu o delegado do *Bureau* Mundial, Eng.º Salvador Fernandez. Depois do concurso de pioneirismo, ficou a arena enriquecida com os trabalhos realizados em que se evidenciou a técnica escotista.

Os subcampos, arranjados com o cuidado de quem mostra o que tem e sabe de técnica escotista, apresentavam-se característicos, como o dos Açores, em que estava desenhado o arquipélago com areia de diferentes cores e dispostos em canto apropriado vários prospectos das ilhas.

Os momentos inesquecíveis da vida do campo foram: a inauguração oficial pelo sr. almirante Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, pelo chefe geral comodoro Tengarrinha Pires, chefe geral adjunto eng.º Nobre Santos, presidente da Câmara do Porto e destacadas individualidades da vida portuense; o último fogo de conselho e encerramento com a presença do delegado do *Bureau* Mundial, eng.º Salvador Fernandez.

As excursões ao norte e à cidade do Porto e Vila Nova de Gaia são também difíceis de esquecer.

As falhas, porque as houve, de modo algum podem ser apontadas, porque a hospitalidade portuense tudo superou, vencendo mesmo obstáculos quase intransponíveis, para que todos aqueles que demandaram o Porto pudessem ser bem recebidos. As excursões realizadas, a amizade e camaradagem dispensadas, disso são testemunho.

No chefe Arnaldo Couto, responsável pela vida no campo, vai a nossa admiração e, através da sua pessoa (porque enunciar nomes seria esquecer alguns) vão as nossas felicitações a todos aqueles que tornaram possível a realização de mais esta actividade da AEP.

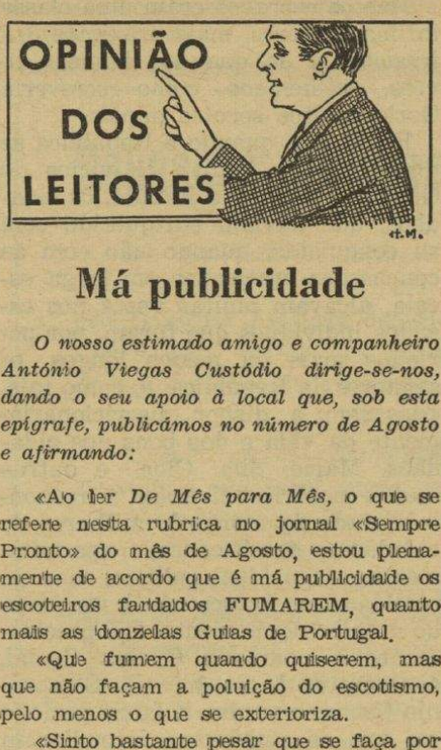
O reencontro de velhos amigos e o contacto com novas amizades, foi sem dúvida o que mais interessou a todos os que tiveram oportunidade de tomar parte neste encontro de fraternidade escotista em que predominou a amizade.

O interesse com que se trocaram lembranças e direcções, a confraternização entre os subcampos e mesmo algumas partidas que lembramos, como as dos açorianos com a «malta» de Moçambique e a saudade que transparecia no rosto dos que partiam, bem evidenciou a camaradagem que ali se viveu.

Numa época em que o egoísmo prevalece e frequentemente se nota a falta de disponibilidade ao serviço dos outros, é mais do que evidente que o Escotismo é o meio de irmanar os homens no mesmo ideal de servir, fazendo com que todos, vivendo o ideal de Baden-Powell, estabeleçam a amizade entre si, uma amizade duradoira e pronta a tornar amigos jovens e adultos, independentemente de credos e condições sociais, para que da conturbada onda de agitação social em que vivemos possamos dizer que, com a fraternidade e pela amizade entre todos, podemos deixar o mundo um pouco melhor.

Esta foi sem dúvida a maior lição que nos deu o XII Acampamento Nacional da AEP.

Leopoldino Tavares



Má publicidade

O nosso estimado amigo e companheiro António Viegas Custódio dirige-se-nos, dando o seu apoio à local que, sob esta epígrafe, publicámos no número de Agosto e afirmando:

«Ao ler *De Mês para Mês*, o que se refere nesta rubrica no jornal «Sempre Pronto» do mês de Agosto, estou plenamente de acordo que é má publicidade os escoteiros fardados FUMAREM, quanto mais as donzelas Guias de Portugal.

«Que fumem quando quiserem, mas que não façam a poluição do escotismo, pelo menos o que se exterioriza.

«Sinto bastante pesar que se faça por esquecer os artigos da lei do escoteiro, deixando o 10.º que é sua chave (*puro no pensamento, nas palavras e nas acções*) perder em público o seu sentido.

«Fico grato ao «Sempre Pronto» por fazer sentir que não seguem por bom caminho os que o deviam seguir mais a direito».



GRUPO N.º 60
Vila Real de Santo António

Acampamento permanente

Com a aproximação do fim do Verão, este grupo recolheu o material do seu acampamento permanente que funcionava na Praia de Santo António, tendo voltado a acampar em Monte Gordo, por ocasião das festas daquela localidade.

Concurso «Patrulha de Ouro»

Já está a decorrer o Concurso «Patrulha de Ouro» que findará no último dia deste ano.

Do programa deste concurso, constam acampamentos e bivaques, além doutras provas.

C.

Amigos em toda a parte...

Apelo do Brasil

«Portugal e Brasil são um só. Sabendo eu disso, escrevo esta carta a meus irmãos, porque sou Escoteiro e Brasileiro, ligado por laços inseparáveis a Portugal». E com estas simpáticas palavras que o Escoteiro Afonso Carlos Prado Júnior, de 16 anos de idade, abre a carta em que pede endereços de escoteiros portugueses do continente e dos estados africanos para troca de correspondência e de distintivos. E termina: «Sei que os portugueses são muito gentis e com isso demonstram o quanto valem...».

Pois, caros leitores escoteiros, não vamos decepcionar este nosso dedicado camarada brasileiro. A sua morada é: R. Martiniano de Carvalho, 453-A p-71 — São Paulo — Brasil.

À LAIA DE GAZETILHA

Seja em Braga ou Santarém,
nesta «nova vaga» eu cismo:
as guias fumam, e bem!
Isso afinal é escotismo?

Fazem solene promessa
ou não? Devemos pensar
que a promessa é feita à pressa
e põe de parte o fumar.

Gentis meninas: perdão
se afirmo com afoiteza:
propagais poluição,
não propagais a limpeza.

E. M.

NUGAS

VIII

Por A. ÁLVARO DÓRIA

Em todos os tempos se tem observado que certas figuras, depois entradas na história, criaram, natural ou deliberadamente, uma aura de prestígio que para sempre lhes ficou ligada ao nome e, curiosamente, em certos casos aumenta à medida que elas se vão esfumando no horizonte histórico e entrando na Lenda. Já há mais de 24 séculos, Evémero via nesse facto a origem da divinização de certos indivíduos que a posteridade veneraria como deuses, alçados aos Olimpos das várias religiões pela admiração ou pelo temor dos homens.

Pareceria que a acção dos filósofos racionalistas, sobretudo a partir do século XVIII, contribuiria para pôr fim, progressivamente, a uma situação que só contribuiu para minimizar os povos em frente desses seres considerados superiores, em muitos casos apenas por força de uma admiração infantil brotada duma visão deturpada.

Realista, como quase sempre foi, Napoleão I, repetindo uma «preciosa» do século XVII, disse, ao que consta, que não há grande homem para o seu criado de quarto, o que alguém comentou dizendo que isso só faz prova contra o criado de quarto. De facto, muitos grandes homens, desde as profundezas dos tempos até aos dias que estamos a viver, só pareceram grandes por efeito da distância, que sempre esbate os pormenores. E como os criados de quarto — quando os havia! — tinham um contacto quotidiano com os seus amos «grandes» homens, oferecia-se-lhes a todos os momentos a oportunidade de verem o reverso da medalha, quando eles despiam os ouropéis e calçavam os chinelos caseiros, desta forma assumindo um aspecto humano que os aproximaria mais dos outros mortais se estes pudessem contemplá-los nesse momento de intimidade descontraída.

Porque a aura a que acima me referi, cria-a sobretudo o meio ou o temor dos que, sentindo-se humildes e cônscios de pertencerem a uma classe de seres muito abaixo daquela em que viviam esses homens, e também deslumbrados por um fulgor que, em muitos casos, não passava de fogo a isso destinado, os olhavam como entes verdadeiramente superiores, por quem juravam, a quem adoravam e às vezes até amavam por neles verem os seus protectores naturais, estado de espírito de todo o primitivo que ainda não alcançou a maturidade mental.

Quando os homens, não tendo ainda adquirido a noção da sua dignidade pessoal, aceitaram de boamente que um homem pudesse dominar discricionariamente sobre outros homens, sobre os quais se arrogava o direito de vida, de morte e até de posse, estava aberto o caminho para a divinização do «senhor» a quem tudo era permitido porque detinha um poder que ninguém ousaria contestar-lhe.

Foi assim que na remota Antiguidade oriental, quando sobre a instituição da escravatura assentava o Estado personificado no Rei e seus acólitos, que podiam *ad libitum* tirar a liberdade aos prisioneiros de guerra ou simplesmente cravar-lhes um ferro nos olhos, à maneira dos reis assírios.

Foi assim na Antiguidade clássica, quando Gregos e Romanos mantiveram a mesma instituição, embora a lei lhes permitisse dar a alforria quando os seus «donos» entendessem que a mereciam.

Mas os escravos eram uma classe ínfima de seres, mais próximos dos irracionais do que dos homens livres, «ex-homens» como escreveria Gorki muitos séculos depois.

Em Roma, quando a República se dissolvia e o luxo e os vícios do Oriente minavam o Estado, os cidadãos, que haviam enriquecido com as conquistas, quando não com as concussões praticadas em larga escala, alçavam muitas vezes nos escudos indivíduos que foram, por períodos mais ou menos longos, os senhores da República, e, como tais, passaram a dispor discricionariamente da vida e dos bens dos cidadãos. Mário, Sila, Cina e outros menos notórios tiveram a responsabilidade da morte de milhares de cidadãos sacrificados, aparentemente, a um ideal político, mas na realidade em holocausto à vingança do ditador do momento. E é precisamente a chamada Guerra Social, consecutiva à ditadura de Semprónio Graco, que abre o largo período em que os ambiciosos tripudiaram livremente, apoiados na força militar que lhes era fiel pela certeza do prémio que teriam com os saques, com tanta frequência permitidos e era o «soldo» devido ao seu ofício...

E é Júlio César, outro dos «grandes» da Antiguidade, quem vai pôr termo a essa guerra já secular preparando o caminho ao Império, de que seria o herdeiro o sobrinho: Octaviano César, depois enfeitado com o cognome de «Augusto» pelo Senado subserviente.

César foi um dos homens que em Roma encontrou maior adulação e da mais abjecta, entre os *optimates* e os plebeus. Assim como o que mais contribuiu para prestigiar o nome de Napoleão foram as cruentas e constantes guerras em que se envolveu, também a César o prestigiaram as campanhas da Hispânia e, acima de tudo, a da Gália, de que depois escreveu o clássico relato.

E a subserviência chegou ao ponto de, já próximo da época em que o assassinaram, aspirar a cingir a coroa, que aliás prudentemente recusou quando lha quiseram pôr na cabeça. Também mais de 16 séculos mais tarde, outro «grande» homem inglês, Olivério Cromwell, aspirou à realeza, que entretanto anos antes havia contribuído para derrubar. A ambição dos homens visa sempre mais alto por não se compadecer manter-se em situações intermédias quando a lisonja os ergue acima de todos.

Outros «grandes» homens subiram ao tablado da História e nele permaneceram mais ou menos fugazmente, desaparecendo, poucos deles tendo deixado na memória dos homens recordação duradoura e grata.

Analisando os factos em pormenor, chega-se à conclusão de que eles, os «grandes», só puderam subir e manter-se no Poder pela subserviência das gentes que lhes consentia constituírem uma força de que depois dispuseram para exercerem o mando discricionariamente. Assim aconteceu em Roma com a série de ditadores que agitaram a história romana até à queda da República; assim aconteceu na fragmentada Itália da segunda metade da Idade Média com os seus *condottiere* alçados, em muitas cidades, a soberanos; assim aconteceu nos tempos modernos com tantos que seria ocioso nomear por serem por demais conhecidos.

Tal como César, ao franquear o Rubicon indo à conquista da Cidade Eterna, todos eles proferiram, de facto ou mentalmente, a frase célebre — *Alea jacta est,* a sorte está lançada — com que se lançaram à conquista do Poder, na certeza de poderem, dentro em breve, esmagar pela força aqueles que na véspera os aclamavam e os ergueram nos escudos como homens providenciais...

Tem-se dito e repetido que é curta a memória dos homens e que as lições da História depressa esquecem. Nunca como nos nossos tempos foi tão verdadeira a asserção.

Uma sentida mensagem do Brasil

O Escotismo em Portugal

O Dr. António Ribeiro de Jesus, delegado do Escotismo Brasileiro à Conferência Mundial que se realizou em Nairobi, que, como referimos oportunamente, visitou em Lisboa o Escotismo Português, escreveu no boletim «Escoteiro do Planalto», da Região do Distrito Federal, as sentidas palavras que a seguir transcrevemos e que oferecemos à meditação dos escoteiros portugueses:

Ao ensejo da viagem a Nairobi (Quénia), quando tomei parte na 24.ª Conferência Mundial Escoteira, realizei um dos mais intensos desejos de minha vida, que era o de conhecer nosso querido Portugal, minha segunda Pátria.

Indescritível foi a minha emoção ao ajoelhar-me no Aeroporto de Sacavém, para beijar aquele solo, se esta era uma esperança que alimentava desde a infância. Cumpri o meu desejo, minha grande aspiração. Corria o dia 6 de Agosto de 1973 quando o *Boeing* 727 da Ibéria me levou à terra lusitana para realizar o grande sonho. Que Deus abençoe aquela tripulação e a quantos concorreram, directa ou indirectamente, para tão grande instante de felicidade. O mesmo beijo eu já o havia enviado a Portugal quando do baptismo de um *jacto* da TAP, no Aeroporto Internacional de Brasília. D. Yolanda Costa e Silva, paraninfara o acto. Eu acompanhava, como integrante do seu Estado Maior, o General Comandante Militar do Planalto, e, antes de entrar na aeronave, sob a admiração dos circunstantes, beijei a fuselagem. Era assim que, num ímpeto, um brasileiro enviava sua mensagem mais sentida à gente de além-mar.

Agora, porém, tudo se fazia mais emocionante: eu tocava a própria terra portuguesa. Lembrei meus pais e imaginei quanta alegria lhes daria se pudesse contar-lhes minhas impressões, colhidas ao calor da recepção fraterna e generosa que recebi por toda a parte.

Entretanto, como Escoteiro, uma observação ficou a bulir meus sentimentos. Descrevo-a. Visitando a Associação dos Escoteiros de Portugal, para onde levei uma Bandeira do Brasil, tomei conhecimento da existência de uma organização similiar — o Corpo Nacional de Escutas. Visitei-a também. Ambas preparavam-se para um Acampamento Nacional, comemorativo de expressivos aniversários. A primeira festejaria 60 anos de existência; a segunda, 50 anos. Os membros das duas agremiações, embora com objectivos idênticos, trabalhavam afanosamente, mas separadamente, na realização dos seus acampamentos, em locais diferentes, coincidentemente nos mesmos dias. Não que houvesse dispersão de esforços, mas eu podia imaginar quão melhor seria sua unificação, perseguindo o mesmo anelo. Não foi, porventura, como procedemos no Brasil?

Foi além minha observação, quando senti que nada motivava esse duplo Escotismo na terra de Camões, embora pudesse compreender que assim nasceram e assim ficaram. O pensamento nas incontáveis benesses de uma unificação daquelas duas forças cívicas acompanhava-me todo o tempo e maior se fazia ao contacto com os seus extraordinários valores de direcção, culminando com as emoções que vivi ao ser recebido na reunião da Comissão Executiva Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal. Não que me surpreendesse, se desde criança aprendi que Portugal sempre fora um celeiro de gente generosa e fidalga. Tudo vi, tudo ouvi, tudo senti no seu próprio ambiente. Ventura ainda teria ao conhecer o Professor Bica de Miranda, do Secretariado para a Juventude, que presente estava à reunião da Executiva Nacional. Homem de simpatia irradiante, de virtudes excelsas, de bondade translúcida, impressionou-me com a sua dedicação à infância e à adolescência. Jovem ainda, revela adentrada maturidade nas ideias, nas providências e nas decisões. Neste registo, envio meus agradecimentos ao bravo lusitano, tão empolgado fiquei na segurança de sua sublimada missão em favor da juventude portuguesa.

Assim, posso concluir para agradecer, valendo-me desta nossa publicação. Sou grato à Comissão Executiva Nacional que me foi receber. Ao Sr. Manuel Peixoto, Comissário Internacional, o preito da minha admiração pelo acolhimento que me deu durante a minha estada, proporcionando-me visitas inesquecíveis, a que esteve presente sua gentil família.

Se não conheci a muitos integrantes do Corpo Nacional de Escutas, posso, porém, estender meu agradecimento ao Chefe Mário Jacques pelo seu cavalheirismo, sempre demonstrado. Obrigado, sim, pelo seu entusiasmo contagiante, num agradecimento que desejo se transmita a todos os de sua equipa.

Com palavras finais, e invocando o Artigo 4.º do nosso Código de Honra, desejaria ser compreendido na minha intenção fraterna quando aludi às minhas observações em torno da existência de duas agremiações que, em Portugal, com finalidades iguais, actuam, entretanto, separadamente. Cabe reflectir sobre tão fascinante propósito, que um Escoteiro Brasileiro se permite lembrar aos Escoteiros Portugueses, pensando, com o coração aberto, em ver surgir, num amanhã próximo, a UNIÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL. Lucrarão com isto os jovens lusitanos, porque eles, como em todos os povos, são a essência mesma da perenidade das Pátrias.

VIVA A UNIÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL!

VIVA A UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL!

Dr. António Ribeiro de Jesus

Comissário Regional Interino

Saudação aos Escoteiros Portugueses

Na sua visita a Portugal, o Dr. António Ribeiro de Jesus, nosso Assistente Regional para Adestramento, quando entrevistado pela Imprensa Escoteira daquele País, deixou gravada a saudação abaixo, para ser lida aos Escoteiros do Acampamento do Jubileu do Corpo Nacional de Escutas:

« Queridos irmãos Escoteiros de Portugal!

Com o coração transbordando de alegria e felicidades, estamos em visita a esta Terra amada que é também nossa Pátria.

Trouxemos para vós uma Bandeira do Brasil que é a lembrança dos vossos irmãos Brasileiros.

Infelizmente não pudemos ficar para tomar parte no Acampamento do Jubileu do Corpo Nacional de Escutas, em Leiria, de 18 a 26 do corrente mês, o que seria para nós uma honra comparecer a tão importante e significativa actividade.

Do Brasil, faremos sempre em nossas orações, pedidos ao nosso Deus Todo Poderoso, para que tenha este querido povo Português muita saúde, cada vez mais prosperidade e que permaneçamos sempre unidos como verdadeiros irmãos que sempre fomos.

Viva Portugal! Viva o Brasil!

Muito Obrigado.

Do «Escoteiro do Planalto» — Brasil.

Gostei sinceramente do nosso Acampamento Nacional

Continuação da pág. 16

«*a*) divulgação do Escotismo na região do Norte.

«*b*) concretizar, com uma actividade conjunta, válida e interessante, o desenvolvimento do Movimento que se vem verificando no Norte.

«*c*) a satisfação do rapaz em observar, na sua própria terra, a realização de um Acampamento Nacional».

— Quais os aspectos mais positivos deste A. N.?

— «O aspecto mais favorável foi o entusiasmo e confraternização que se verificaram durante a realização dos trabalhos árduos que se tornaram necessários.

«Pondo em evidência aquilo que se fez agora no Porto e aquilo que se tem feito na Caparica, estou satisfeito com o trabalho por nós realizado.

«O acampamento valeu ainda pela novidade que proporcionámos aos rapazes, com a mudança de local, pois alguns estariam já saturados da Costa da Caparica, dando preferência ao ambiente diferente em que actuaram.

«Também deverei destacar a camaradagem verificada entre todos os rapazes participantes e a tradicional cortesia com que os escoteiros do Norte receberam os seus irmãos de outros locais.

«Das actividades realizadas, a que mais me agradou foi a que chamámos de «Pioneirismo livre». Alguém responsável me fez reparo de que os rapazes iriam repetir-se e apresentar muitos trabalhos iguais. Pois em mais de trinta trabalhos apresentados, todos eram diferentes. Verifiquei assim uma imaginação e poder de realização das patrulhas que surpreendeu muita gente».

— Acha que o Acampamento esteve suficientemente preenchido de programa, por forma a dar inteira satisfação ao rapaz?

— «Não esteve. Mas tenho uma explicação para esse facto. Acho que muitos grupos têm estado um pouco desviados da ética escotista e se nós fizéssemos um programa mais sobrecarregado, poderia não resultar.

«Talvez porque não existam de momento chefes à altura.

«Deste modo, ao elaborar o programa, preferi torná-lo leve para que, sem deixar de ser escotista, permitisse a actuação de todos, mesmo com os menores conhecimentos das técnicas escotistas.

«Pus acima de tudo a ideia de uma actividade de convívio.

«E como a vinda ao Porto para alguns rapazes já era uma novidade interessante, resolvi dar-lhes a oportunidade de conhecerem alguma coisa mais do Norte.

«Assim, foi um A. N. que cumpriu principalmente a finalidade de confraternização entre os escoteiros, embora sem descurar os valores tradicionais do Escotismo».

— Algum aspecto negativo?

— «Acusaram-me de o Acampamento ser demasiado disciplinado. Um chefe de grupo chegou mesmo a censurar-me por haver demasiada vigilância. Bem, quanto a vigilância tivemos sempre um escoteiro (às vezes dos mais novos) na porta com instruções de não deixar entrar ou sair sem a guia de *contrôle* emitida pela secretaria. Aliás, esta guia era sempre passada a qualquer participante quando pedida pelo chefe do respectivo grupo.

«Não se tratou de um serviço de policiamento, mas um simples *contrôle* de presenças, pois queríamos estar habilitados a informar condignamente, se porventura qualquer rapaz fosse, por exemplo, chamado ao telefone.

«O Escotismo é uma actividade da juventude, com responsabilidade. Isso obriga a que os chefes actuem por forma a que os rapazes sintam essa responsabilidade.

«Ora verifica-se, e digo-o com muito pesar, que alguns chefes de grupo preocupam-se com o recrutamento de rapazes, mas têm pouco cuidado em instruí-los escotistamente».

— Talvez porque muitos não sabem como fazê-lo...

— «É uma carência que temos de combater e solucionar!»

— Quais as directivas para o escotismo associativo ditadas pela realização deste A. N.?

— «Antes de mais apresentou a vantagem do trabalho de região. Pela lição que tive da existência dos núcleos, acho que o trabalho destes é infrutífero. Só o trabalho a nível de região é aceitável.

«Mas explico melhor: No Porto acabou-se com a Região e criaram-se dois Núcleos. Esses núcleos serviram apenas para criar rivalidades inúteis e o trabalho perdeu-se. Os núcleos só se justificam com a existência das regiões e não para substituição destas.

«Outro aspecto bastante evidente é a necessidade absoluta de aperfeiçoamento dos conhecimentos dos chefes. Deve insistir-se na realização de cursos básicos, por forma que estes conheçam perfeitamente o papel que desempenham no Movimento e na preparação dos rapazes que lhes são confiados».

M. G.

Rescaldo de um Verão apetecível (no Porto)

Continuação da pág. 5

e a consequente ida às caves do Vinho do Porto com as tradicionais provas dos magníficos vinhos que de tanta fama gozam em todo o mundo.

«*Sempre Pronto*», ao publicar em número anterior uma resenha dos principais monumentos do Porto, deve ter sido de grande utilidade para os escoteiros visitantes.

Muitos dos escoteiros de Lisboa com quem travámos contacto contaram-nos o seu êxtase perante a Sala Árabe do Palácio da Bolsa e de outros monumentos que puderam admirar naquela tão antiga urbe portuguesa.



O Eng.º Salvador Fernandez rodeado de dirigentes escotistas no XII Acnac

(Fot. de W. Karl)

Os fogos de conselho

Algumas das grandes animações do XII ACNAC, foram os fogos de conselho, realizados, o primeiro, no próprio dia da inauguração, outros, durante o acampamento e, por último, na véspera do encerramento, este de facto o principal, tendo os anteriores constituído como que ensaios para essa grande festa escoteira.



A cerimónia do encerramento do XII Acnac, com o sr representante do Governador Civil do Porto no uso da palavra

(Fot. de A. Xavier de Brito)

Esmeraram-se os rapazes em apresentar os números perante o numeroso público que acudiu a aplaudi-los e, assim, romperam com alegres canções, monólogos, poesias e diálogos, com o que tanto êxito obteve a dupla Arlindo e Saraiva, obrigando os assistentes a rir a bandeiras despregadas.

Os dirigentes do fogo, o próprio chefe de campo Arnaldo Couto e Armando Morais, levaram a cabo uma interessante tarefa, tendo o ritual escotista de Amâncio Salgueiro dado ênfase a uma sequência de bom nível escotista.

A canção do Adeus...

Tudo o que é bom também tem o seu termo e os dias do XII ACNAC rapidamente se escoaram.

No domingo, dia 26, com cerimonial próprio, foi encerrado o acampamento.

Antes, porém, o Secretário-Geral do Escotismo Mundial, Eng.º Salvador Fernandez, deu-nos a honra de visitar o campo, o que constituiu grande alegria para os participantes, os quais tiveram oportunidade de saudar aquele prestigioso dirigente escotista, cujo interesse pelo Escotismo Português vem já de longa data.

De manhã, foram realizados os serviços religiosos católico e evangélico e, de tarde, com a presença do representante do Governador Civil do Porto, dr. Carlos Graça, procedeu-se ao encerramento da actividade.

Foram distribuídos os prémios de vários concursos levados a efeito e, antes do solene arrear das bandeiras foram entoados os hinos associativo e Nacional.

Os escoteiros formaram então uma grande cadeia, entrelaçando os braços em sinal de profunda camaradagem, e foram dispersando cantando a «Canção do Adeus».

A. I.

ADMINISTRAÇÃO

UM APELO AOS ASSINANTES DE ÁFRICA

No fim do ano corrente, vamos novamente proceder à cobrança das assinaturas dos nossos estimados leitores de Angola e Moçambique, procurando conseguir a actualização daquelas que ainda se encontram em atraso.

Em virtude de não haver, então, possibilidades de cobrança nestes dois estados ultramarinos, o recebimento das assinaturas sofreu considerável atraso. No fim do ano passado, fizemos a primeira cobrança e justo é registar o bom acolhimento que os nossos assinantes dispensaram aos recibos, o que não impediu que alguns, felizmente poucos, tivessem devolvido a cobrança, depois de receberem o jornal durante anos, causando-nos ainda o elevado prejuízo da despesa feita. Ficaram pois os assinantes dedicados a quem fazemos o apelo para o habitual bom acolhimento à cobrança a fazer pela remessa contra-reembolso de um exemplar de «Sempre Pronto»

A Administração desde já manifesta o seu agradecimento.

Rescaldo de um Verão apetecível (em Leiria)

Continuação da pág. 6

actividade, de dimensões até então não atingidas entre nós.

O valor do seu significado terá sido aprendido por muitos jovens, que guardarão pela vida fora recordação deste momento inesquecível. Também muitos dirigentes aprenderam certamente a preciosa lição e compreenderam melhor qual a sua missão no movimento.

No coração de todos, deverá permanecer a mensagem A-S-A, que alguém soube tão a propósito definir, como a finalidade simples do Escotismo:

AMIZADE
SERVIÇO
ALEGRIA



Um aspecto do fogo de conselho

Fot. gentilmente cedida pela «Flor de Lis»

M. G



Mais um grupo de escoteiros em actividade. Conforme Sempre Pronto noticiou, o Grupo 26, da Póvoa de Varzim, foi inaugurado em 2 de Setembro p. p., com uma festa em que estiveram presentes mais de uma centena de escoteiros de vários grupos do norte do País. Foram 19 os elementos do novel grupo que prestaram compromisso de honra. A sede é no Bairro de Nova Sintra. Eis uma imagem do desfile que os escoteiros fizeram através das ruas da cidade

24.ª Conferência Mundial do Escotismo

Como já demos conhecimento aos nossos estimados leitores, realizou-se de 16 a 21 de Julho passado, em Nairobi, esta importante reunião do Escotismo Mundial. Temos agora oportunidade de dar a conhecer algumas das mais importantes deliberações desta Conferência.

ADMISSÕES — Foi dado acordo ao reconhecimento e registo, com valor efectivo de 23 de Setembro do ano passado, da Federação do Escotismo de Ivor e da Federação do Escotismo do Alto Volta.

CHILE — A Conferência nota com grande satisfação os progressos alcançados com vista a reorganizar e unificar o Escotismo no Chile e regozija-se pelo seu próximo regresso como membro da Conferência e pede ao Conselho Mundial para proceder às formalidades necessárias.

ESPANHA — A Conferência participa ao «Comité» de ligação dos escoteiros espanhóis a sua confiança na evolução do Escotismo em Espanha, graças ao trabalho alcançado pelas associações num espírito de colaboração fraterna e exprime o desejo de que seja possível acolher oficialmente o escotismo espanhol como membro da Conferência Mundial, num futuro próximo.

FÓRUNS ESCOTEIROS — A Conferência reiterou uma resolução de 1969, que encoraja a participação mais activa do rapaz do processo de decisão do movimento e regista com satisfação o aumento do número de Fóruns escoteiros organizados nos países membros e nas diversas regiões.

Foi ainda recomendado a actualização do programa-base, a fim de responder aos interesses e às necessidades dos jovens assim como a dar ocasião aos escoteiros de tomar uma parte mais activa na planificação; a introdução de actividades coeducacionais a partir da idade de 15 anos ou mais, e que seja dada maior importância à protecção da natureza no programa escoteiro, compreendendo uma participação activa nos projectos de ordem ecológica ao nível da comunidade. E ainda que os Fóruns escoteiros nacionais façam parte integral do programa para os ramos de mais idade.

PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO — A Conferência notou com muita satisfação os progressos alcançados durante os dois primeiros anos do Plano Quinquenal aprovado em Tóquio, e acolheu com entusiasmo o projecto de programa para os anos restantes.

A Conferência encoraja as associações nacionais a adoptar e a pôr em prática a planificação a longo prazo e em todos os escalões das suas actividades a fim de obter a utilização mais eficaz dos recursos tanto humanos como financeiros.

Continua na pág. 12

O PROGRAMA ESCOTISTA — 2

(Continuação do n.º 338)

Por CARL A. LINSTÉN

Tipos de sistemas de patrulhas

(Continuação)

Um outro argumento baseia-se no valor pedagógico das responsabilidades dadas aos membros mais velhos, que se devem ocupar dos mais novos e instruí-los.

Disse-se que o grupo natural (ou grupo *Peer*) era baseado na «amizade e no desenvolvimento das relações pessoais entre os membros». Os membros das patrulhas são escolhidos mutuamente, o que constitui, em larga medida, condição de identificação com o grupo e da sua coesão. Esta coesão representa um potencial importante do ponto de vista psicológico e pedagógico. Este tipo de grupo caracteriza-se por um rigoroso sentimento de lealdade ou pela adesão às normas do grupo ou por um código de procedimento comum.

Um relatório salienta que o grupo «familiar» é uma formação artificial que exige a intervenção dos adultos, enquanto o grupo «natural» se forma espontaneamente, segundo as necessidades psicológicas duma certa idade.

Sublinhou-se que o facto de que, embora Baden-Powell tenha instituído a patrulha, tipo de grupo «natural» («o Escotismo coloca-as nas pequenas unidades fraternais, que são a sua organização natural»), o tipo «familiar» parece ter sido utilizado até agora na maior parte das associações. No entanto, desde que há nos novos programas uma tendência para insistir mais no desenvolvimento das relações mútuas e da personalidade do que sobre o ensino de talentos, como anteriormente se fazia, deu-se uma grande importância ao tipo de grupo natural para as patrulhas. Um dos nossos princípios originais indica que o grupo «familiar» corresponde a um programa que incide sobre as capacidades, mas que o grupo «natural» se torna mais necessário logo que o acento se põe sobre o desenvolvimento das relações mútuas.

«As organizações juventude podem trazer uma notável contribuição que permita serem formados entre os jovens os grupos sociais (grupos *Peer*) e de funcionarem de uma forma reflectida e eficaz» (UNESCO, *Projecto de Inquérito acerca da Juventude na Austrália*).

Número de secções e limites de idade

Uma das consequências da adaptação do grupo «natural» (grupo *Peer*) nas patrulhas, é que o espaço entre as idades dos membros de uma patrulha é bastante reduzido (um, dois ou três anos, no máximo). Isto significaria teoricamente que, num grupo que admita escoteiros entre os 11 e os 17 anos, por exemplo, ter-se-ia patrulhas de diferentes idades a trabalhar a diferentes níveis (uma patrulha seria composta principalmente por rapazes de 13 e 14 anos e talvez uma quarta de 15, 16 e 17 anos). Nestas condições, há o exemplo de certas associações que preferem adoptar um programa em mais de três secções, isto é, de subsecções ou fases no interior das secções existentes.

Eis um exemplo de um programa em quatro secções, com as diferenças de idade mínimas (Suécia, SSF):

Nível escolar	2	3	4	5	6	7	8	9				→
Idade	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	
	Divisão lobito		Divisão júnior		Divisão escoteira			Divisão exploradora				

A outra maneira de satisfazer a necessidade que se faz sentir de reduzir os intervalos entre as idades é a de introduzir no seio de uma secção existente um programa diferente para os membros mais velhos. É por este motivo que, na *Boy Scouts of America*, se criou o ramo *Leadership Corps* (corpo de dirigentes), programa a título facultativo e separado para os escoteiros que tenham atingido os 14 anos de idade. Este corpo permite estabelecer um programa de formação de chefes, o qual pode ser considerado uma segunda etapa numa subdivisão do seio da divisão escotista existente. Do mesmo modo, um lobito mais velho torna-se um *Webelos* escotista e, apesar de não deixar de pertencer à divisão lobito, segue um programa completamente diferente, tanto na sua estrutura como no conteúdo, do dos lobitos mais novos.

No exemplo acima dado a forte redução do espaço entre as idades é um caso extremo. Outro extremo será encontrado no novo programa da Tanzânia:

8-12	12-17	18-36
Lobitos	Escoteiros	Caminheiros

Outro exemplo da muito acentuada extensão do espaçamento para a divisão dos caminheiros é-nos dado pelo programa dos escoteiros das Filipinas. Contudo, a necessidade de um espaçamento limitado foi devidamente sentida e é devidamente revelada ao repartir a divisão dos caminheiros em duas secções ou etapas:

Etapa de prova e formação

17	18	19	20	21	22	23	24	25	26

Etapa de serviço

Divisão Caminheira

Foram postos, em diversos relatórios, os seguintes argumentos a favor de uma redução do espaçamento entre as idades e, por conseguinte, do aumento do número de secções ou da criação de subsecções. Esses argumentos são os seguintes:

— Os jovens que se encontram num período de desenvolvimento rápido e cuja vida revela uma necessidade de uma grande variação de programas e, a certos intervalos, de uma mudança completa de programa: ultrapassam depressa o nível dum programa e consideram-no infantil.

— Nomeadamente durante o último dos quatro anos da divisão lobito, é por vezes assinalado que o programa não é suficientemente estimulante.

— Ao reduzir-se o espaço entre as idades, pode-se adaptar melhor às diferentes idades o programa de cada secção e assim torná-lo mais interessante para os seus membros.

— Os escoteiros e os mais novos dum mesmo grupo devem ter idades o mais próximas possível, a fim de que os interesses seriam idênticos.

— O espaçamento limitado é inerente às patrulhas do tipo «natural» (grupo *Peer*).

— A passagem repentina do programa de lobito ao programa escotista é a causa de um grande número de deserções. Ao adoptar-se um programa diferente para o último ano da divisão lobito, parece facilitar-se bastante essa mudança. Algumas associações obtiveram o mesmo resultado ao criar uma divisão distinta entre as divisões lobito e escoteira.

Esta doutrina aplica-se igualmente às outras divisões.

(Continua)

Trad. de Rui Fernando da Fonseca

24.ª Conferência Mundial do Escotismo

(Continuação da pág. 11)

ESCRITOS DO FUNDADOR — A Conferência reafirmou a importância dos escritos do falecido Lorde Baden-Powell como fonte de inspiração e unidade para o Movimento.

Pede que o «Bureau» Mundial compile, tão depressa como economicamente possível, edições normalizadas dos principais escritos do Fundador, incluindo os seus editoriais publicados em vários jornais.

Sugere que os países membros que não tenham os idiomas oficiais da Conferência façam todo o possível para que os escritos principais do Fundador sejam traduzidos na sua língua.

CONFERÊNCIA MUNDIAL DE 1977 — A Conferência aceitou o convite do Canadá para a organização da 26.ª Conferência Mundial e endereça ao Brasil os seus agradecimentos pelo convite feito para o mesmo fim.

14.º JAMBORI MUNDIAL E 27.ª CONFERÊNCIA MUNDIAL — Foi aceite o convite feito pelo Irão para acolher em 1979 o 14.º Jambori Mundial e a 27.ª Conferência.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O Secretário-Geral da AEP pediu a exoneração?

Chega-nos a notícia de que o nosso bom amigo e distinto dirigente escotista sr. Albano da Silva acaba de pedir a exoneração das suas funções de Secretário-Geral da Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal.

A confirmar-se esta notícia, que sinceramente lamentaríamos, isso representaria uma sensível baixa para os Serviços Centrais, pois é notória a dedicação e competência com que o E. C. Albano da Silva vem desempenhando, há largos anos, aquele cargo.

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro

Perseverar e trabalhar



A mensagem de hoje vai dirigida especialmente aos escoteiros de África, mais propriamente à rapaziada do grupo n.° 39, de Benguela.

Se me dirijo a estes escoteiros em particular é por ter tido o grato prazer de ter jantado com o chefe do grupo e aquele me informar que os escoteiros do 39 liam, com muito agrado, o que aqui se inseria.

Muito obrigado, amigos, por saber que as minhas palavras encontraram leitores e não caem em «cesto roto», como se usa dizer.

Fiquei sabendo que os escoteiros do 39 trabalham com ânimo e seguem com afinco tudo o que se publica no Sempre Pronto.

Sei, também, que constitui este jornal um manancial onde muitos vão colher conhecimentos, mas (cá está um mas *a intrometer-se no assunto . . .) fiquei a saber que muitas vezes tem faltado perseverança na continuidade do trabalho.*

Não quero meter o chefe Manuel Nunes Pereira em sarilhos (que ele teceu-vos bons elogios!) porém, no meio da conversa, lamentou-se que, tendo vocês seguido com verdadeiro entusiasmo os indicativos da especialidade de campista publicado no jornal, em determinada altura, com a especialidade quase concluída decidiram parar de pôr em prática os ensinamentos oferecidos.

Francamente, nem parece dos rapazes do 39, que tão óptimo escotismo têm levado a efeito.

É certo que a publicação da especialidade não apareceu muito regular e, por outro lado, o assunto foi muito desenvolvido, o que, aliado à falta de espaço com que o jornal luta, resultou em demasiado tempo de publicação.

Temos alguma culpa, mas, meus caros amigos, já que estavam tão bem lançados não deveriam ter desistido e sim perseverado na continuidade do trabalho até final.

Gostaria que todos concluíssem a especialidade, uma vez que já se encontra toda publicada, e de anunciar dentro em breve os nomes daqueles que a conseguiram obter.

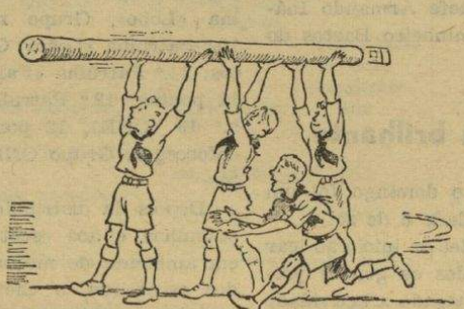
Claro que é necessário não desistir e, mesmo que as coisas pareçam complicadas, lançar-lhes um sorriso de confiança, porque então tudo se modifica.

Como prémio do vosso interesse por tudo que Sempre Pronto *publica, anunciamos que, a partir do próximo número, começaremos a publicar a especialidade de Guia de Região, o que certamente irá despertar bastante entusiasmo nas vossas patrulhas.*

Até lá, mãos ao trabalho . . . e nada de desânimos.

Vosso amigo
Pata de Lobo

Corrida de Troncos



Trata-se de um jogo para duas ou mais patrulhas com um mínimo de 4 escoteiros.

É necessário um tronco fino de árvore, por patrulha, e cada escoteiro deve segurá-lo, bem ao alto, como mostra a gravura.

Quando soar o apito, o último escoteiro da fila larga o tronco, corre para a frente e segura-o, enquanto os restantes recuam. O escoteiro que fica agora em último continua o jogo.

Ganha a patrulha que primeiro consiga a rodagem dos seus componentes.

Jogo bom para o Inverno.

Saudação à Bandeira!

Eis que passa, majestosa,
a bandeira gloriosa
da minha amada Nação,
Neste instante o fraco peito
sente ser um vaso estreito
pra conter o coração.

Povo, escuta o que te digo ;
ouve atento, ó povo amigo,
o que diz um filho teu :
quando vejas defrontar-te
o verde e rubro estandarte,
tira sempre o teu chapéu.

Deves sempre recordar
a História, que não tem par,
dessa bandeira de esperança,
desde o Conde Dom Henrique
ou dos «fossados de Ourique»
até ao Norte da França.

Não te esqueças que, com ela,
contra Leão e Castela,
teve ânimo o lutador.
Este à Pátria muito queria;
na bandeira a Pátria via,
redobrava de valor.

Lembra de Elvas o soldado :
ao haver reconquistado
o seu guião, tão querido,
lança-o pra dentro do forte
e em seguida sofre a morte
às mãos do enraivecido.

Grande Duarte de Almeida,
outro herói de nova «Eneida» !
Perdendo as mãos a lutar,
nos dentes toma o guião
e aperta-o ao coração
com os cotos a sangrar !

Lembra as horas peregrinas
em que a bandeira das quinas
entrou, com honra pra ela,
desde as pugnas com Leão
até à Restauração
e a Magul e Coolela.

Essas quinas que em Lepanto,
na cota do Infante Santo
e nos padrões do sertão
se honraram sobremaneira,
são a insígnia verdadeira
da nossa heróica Nação.

Saúda a nossa bandeira,
pois que foi ela a primeira
com que, ao mar, nossos avós
se afizeram, destemidos,
e, voltando enobrecidos,
deram honra a todos nós.

Que importa a cor dos seus panos?
Só branca, por muitos anos,
e depois de vária cor,
das quinas sempre se preza
a bandeira portuguesa,
pavilhão do nosso amor.

Verde e branca como as vagas
ou vermelha como as chagas
e azul, qual flor do linhal,
se com as quinas se enfeita
meu coração a respeita :
bandeira de Portugal !

Saudai, pois, nossa bandeira !
Que ela seja a derradeira
esperança, no porvir.
Que, deixando bem velado
todo o mal que há no passado,
mostre o futuro a sorrir.

Se virdes, encantadora,
rubra como a luz da aurora,
verde como o grande mar...
Bandeira da lusa glória !
Não esqueçais sua história :
nunca deixais de a saudar !

EDUARDO MOREIRA

NOTA — Tinha o autor destes versos vinte e poucos anos quando os fez — ainda no tempo do regime monárquico. Modificou-os anos depois, para serem recitados, conservando-lhes lógica e sentido, longe portanto da poética actual... certo de que a pêndula sempre oscilau, em homenagem ao raciocíni humano. Também o amor à nossa terra e aos seus simbolos perdurará.

Movimento no Parque de Escotismo da Caparica

Os 60 anos da A. E. P. comemorados no Parque do Escotismo, por iniciativa da sua equipa de trabalho

Mais uma vez a equipa do Parque de Escotismo da Caparica, dirigida pelos chefes Eduardo Xavier e Domingos de Sousa, conseguiu levar a efeito uma actividade que reuniu a quase totalidade dos grupos da Região Centro e ainda alguns grupos do C. N. E.

A actividade constou de um acampamento que decorreu durante os dias 5, 6 e 7 do corrente mês e no qual estiveram presentes os grupos 5, 7, 8, 9, 14, 19, 22, 23, 31, 50, 79, 93 e 94 da A. E. P., e ainda os agrupamentos do CNE n.os 19 e 22, de Setúbal, e outro de Almada, num total de 230 lobitos, escoteiros e caminheiros.

A actividade, independente para cada divisão, foi dirigida pelos seguintes chefes:

LOBITOS — Armando Inácio e Marília Figueiredo, dos Grupos n.os 94 e 8.

ESCOTEIROS — João Constantino e José Relvas, do Grupo n.º 8 e ex-chefe do Grupo n.º 10.

CAMINHEIROS — Manuel Moreira e Armando Carlos, dos Grupos n.os 8 e 7.

Reputamos como principal actividade a que foi levada a efeito pelos escoteiros e a que foi dado o carácter de concurso interpatrulhas.

O acampamento foi bem organizado, tendo as patrulhas inscritas actuado com bastante movimento, com o tempo de acampamento totalmente ocupado em competições de vária ordem, destacando-se as provas de atletismo, as construções e ornamentações de campo, as provas de culinária, as interpretações no fogo de conselho, uma excursão de reconhecimento de terrenos e orientações.

As diversas fases das provas do concurso estiveram a cargo dos chefes Garrett, Saraiva e Calás, dos Grupos n.os 9, 79 e 50.

O nível das patrulhas foi bom e pode considerar-se excelente a actuação dos dirigentes.

Os caminheiros estiveram de parabéns!

Como afirmou um chefe experiente e observador: «Nem os sentimos no campo», isto quer dizer que eles trabalharam rijo no Parque de Escotismo.

Mas o trabalho de campo, apesar de estafante, não foi suficiente e, no sábado, depois de boa actuação no fogo de conselho, pelas 2 horas da manhã os caminheiros saíram para um «raid» que durou até às 10 horas.

O «Raid» constou de várias provas, desde orientação à resistência física. Parece que foi do agrado de todos os participantes.

Andou bem a equipa que tratou deste assunto, pois já há muito que necessitávamos de actividades daquele quilate.

Os lobitos tiveram actividade reduzida, uma vez que só estiveram no campo a partir de domingo de manhã. Mesmo assim o tempo foi bem aproveitado em jogos que entusiasmaram a miudagem.

Estão de parabéns os lobitos do Grupo n.º 5 porque, sendo muito nova a Alcateia, nada menos de oito rapazinhos fizeram a promessa durante a reunião com os outros lobitos. Estiveram presentes, como convidados especiais o srs. presidente e vice-presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros, que apreciaram uma festa a eles dedicada ou, mais precisamente, aos antigos escoteiros.

O fogo do conselho

O fogo de conselho, realizado no sábado, dia 6, foi um ponto de contacto entre escoteiros e caminheiros.

Para os escoteiros, decorreu em ambiente de concurso, como já referimos, sendo obrigatórios dois números a executar pelas patrulhas: O «concurso da manhã» e «um programa de TV».

Começou o fogo com a leitura do ritual de Amâncio Salgueiro, tendo cinco escoteiros da A. E. P. e cinco do C. N. E. recitado a Lei do Escotismo e aceso a pira de lenha.

O chefe de campo Eduardo Xavier saudou os grupos presentes e desejou que o acampamento fosse um êxito e cheio de bom escotismo.

Sucederam-se canções, gritos escotistas e actuações de toda a ordem.

Até os antigos escoteiros participaram, pois encontravam-se ali em grande número. O sr. Ferrer cantou e dançou o *Kili-Kili*, depois de ter sido evocada esta representação tão antiga no reportório da A. E. P.

Terminou o fogo do conselho com a *Canção do Silêncio*, tendo os rapazes retirado, sem alarido, para as suas tendas.

Foi dirigido pelo chefe Armando Inácio secundado pelo caminheiro Bastos do C. N. E.

Domingo, dia brilhante

Apesar de Outono o domingo foi um dia brilhante de actividade e de sol.

Pelas 9 e 30 horas deu-se início ao içar das bandeiras, com todos os grupos presentes, tendo então começado a actividade de domingo.

Cerca das 11 horas, chegou ao campo, em visita de cumprimentos, a filha e o neto do antigo reitor do Liceu de Pedro Nunes, Sr. Dr. António Sá Oliveira, grande pedagogo e primeiro presidente dos Escoteiros de Portugal. Acompanhava a ilustre senhora o Escoteiro Chefe Geral Adjunto, eng.º Nobre Santos, que, em breves palavras, agradeceu a visita, evocando a figura ímpar do reitor Sá Oliveira.

Muitos antigos escoteiros, entre os quais os Srs. Dr. Eugénio Ramos e Humberto Martins, respectivamente presidente e vice-presidente da Fraternal, estiveram presentes. O nosso jornal fez-se representar naquela cerimónia pelo seu director e director adjunto.

Após as palavras do chefe-geral adjunto, os escoteiros saudaram os visitantes com o característico «Ala-arriba».

Os convidados fizeram depois uma demorada visita ao acampamento e às instalações do Parque de Escotismo.

Tarde de confraternização

As 16 horas, cessou a actividade das divisões escotistas e a chefia do parque ofereceu a todos os presentes um beberete, que foi motivo para um bom momento de confraternização.

Aproximou-se então a hora da despedida, mas, antes disso, foram distribuídos os prémios às patrulhas mais bem classificadas e também medalhas aos melhores participantes nas provas de atletismo.

A classificação das patrulhas foi a seguinte:

1.º Patrulha «Falcão», Grupo n.º 50, 43 pontos; 2.º Patrulha «Pantera», Grupo 19 (CNE), 37 pontos; 3.º Patrulha «Cão», Grupo n.º 94, 30 pontos; 4.º Patrulha «Lobo», Grupo n.º 79, 24 pontos; 5.º Patrulha «Escorpião», Grupo n.º 22 (CNE), 21 pontos; 6.º Patrulha «Castor», n.º 22, 20 pontos; 7.º Patrulha «Falcão», Grupo n.º 8, 18 pontos; 8.º Patrulha «Raposa», Grupo n.º 22, 18 pontos; 9.º Patrulha «Lobo», Grupo n.º 19, 18 pontos; 10.º Patrulha «Leão», Grupo n.º 8, 16 pontos; 11.º Patrulha «Falcão», Grupo n.º 31, 12 pontos; 12.º Patrulha «Águia», Grupo n.º 19 (CNE), 12 pontos; 13.º Patrulha «Morcego», Grupo CNE Almada, 10 pontos.

Depois da distribuição dos prémios às patrulhas e aos escoteiros que decorreu em ambiente de muita euforia por parte dos escoteiros, o chefe Eduardo Xavier agradeceu uma vez mais a presença de todos e deu por terminado o acampamento, tendo, de seguida, sido arriadas as bandeiras dos grupos e nacional.

A. I.

A lição da vida de Copérnico



O mundo comemora presentemente o quinto centenário de Nicolau Copérnico.

Quem era esse homem? poderá perguntar quem no estudo da geografia apenas tenha recebido aquela lambuzadela simbólica própria de um ensino quantas vezes desligado dos acontecimentos que dão sentido à caminhada do Homem na busca da compreensão de si próprio.

Para responder satisfatoriamente a esta interrogação e bem definir a personalidade de Nicolau Copérnico, talvez seja melhor começar pelas noções mais singelas e assim referir, em primeiro lugar, que este ilustre varão era filho de um padeiro. Pois apesar da ascendência obscura, o facto de ter nascido em Thorn, também obscura cidade, mas situada junto à fronteira polaco-alemã, veio fazer com que a nacionalidade de Copérnico tenha sido disputada pelas duas nações, tal como era disputada a posse da pequena urbe, sujeita aos refluxos da hegemonia que condicionava ambições territoriais dos dois países por aquela zona.

Não obstante a sua modesta linhagem — o próprio apelido de Nicolau, originariamente Kopernig, quer dizer *humilde* — este jovem pertencia à mais nobre estirpe, aquela a que pertencem os grandes homens, os vultos que impelem a Humanidade a traçar os grandes caminhos do progresso e da civilização.

Muito pequeno ainda, revelou Nicolau apetite insaciável pelo conhecimento. Junto de um bispo, seu tio, homem de cultura invulgar, procurava avidamente a resposta para as interrogações que à sua ingénua visão do Universo já se ofereciam. A sede de saber é por conseguinte das primeiras características que se distinguem na sua personalidade e aquela que o estimulava a consultar sem descanso os numerosos volumes da biblioteca do tio, livros que versavam os mais diversos ramos da cultura de então. Era o primeiro voo para a grande aventura do conhecimento este afã de procurar a resposta para o esclarecimento das dúvidas que torturavam o seu espírito, e que prosseguiria, mais tarde, com a sua estadia na Itália e, depois, na Alemanha. Aqui estaria a origem da admirável versatilidade das suas especializações, pois que, além da astronomia que o havia de celebrizar, Copérnico estudaria também as mais variadas ciências e artes, tais como a literatura, a filosofia, a pintura, teologia, engenharia, escultura, matemática, filologia, música, finanças, agricultura e medicina. Era o verdadeiro homem enciclopédico, como prova, durante a sua permanência na Alemanha, a reforma do sistema monetário que levou a efeito.

A humildade de Copérnico caracteriza-se pelo desprendimento que o levou a conceber, ao longo de morosos e complexos estudos e experiências, o seu sistema — o sistema de Copérnico, como passou a ser designado — em que se abandonava uma velha teoria, teoria tão cara à Humanidade, o chamado sistema ptolomaico o qual colocava a Terra no centro do Universo. O geocentrismo, princípio defendido pelo sistema de Ptolomeu, outorgava ao Homem uma honra que falava directamente ao seu velho sentimento de orgulho, dono e senhor do planeta que — pensava — ocupasse posição tão proeminente no concerto celestial, pensamento por completo dissociado, ver-se-ia mais tarde, do obscuro papel do minúsculo orbe terrestre, perdido na imensidão do espaço sideral. Porque tal ideia estava arreigada no espírito humano e por se escudar na opinião unânime das poderosas autoridades eclesiásticas que a transformaram num dogma ciosa e fanaticamente defendido, constituía verdadeira temeridade opor-lhe a mínima reserva, quanto mais uma negativa completa, embora ela fosse baseada em laboriosos estudos e em criteriosas experiências que a Ciência comprovava. Ao proclamar a teoria heliocêntrica, que afirma ser o Sol, e não a Terra, o centro do Universo, Copérnico expunha-se a perigos incalculáveis. Mas a verdade tinha de ser defendida e o grande sábio não teve dúvidas em investir corajosamente contra um princípio velho de séculos que, embora servisse a soberba humana, não correspondia contudo à verdade.

Eis, pois, outra faceta do cáracter de Copérnico, o culto intransigente da verdade. Mas ainda neste aspecto o grande sábio demonstrou outro exemplo que merece ser meditado: a prudência com que expõe os seus princípios, prudência a que muitos chamam timidez. É certo que o célebre homem de ciência, pelo menos neste aspecto, não pecava por intrepidez. Mas desamparado como estava dos poderosos da Terra, se não fosse a circunspecção que usou para inculcar as suas teorias, nesses tempos em que o fanatismo e a intolerância eram bem mais virulentos que nos dia de hoje, como conseguiria fazê-las triunfar do desencadeamento das reacções que essas ideias, revolucionárias para o tempo, iriam com certeza originar?

São estas algumas das lições que ressaltam da vida de Copérnico. Se bem que as suas teorias tivessem de ser mais tarde corrigidas, em resultado dos conhecimentos que o Homem iria conseguindo adquirir graças à utilização de instrumentos mais poderosos e aperfeiçoados na investigação dos fenómenos celestes, os estudos de Copérnico, devidos em grande parte a uma cultura excepcional e a rara intuição científica, dão ensejo a que se possa presentemente afirmar que a astronomia só começou a poder ser considerada uma verdadeira ciência mercê dos trabalhos deste grande sábio.

São estas algumas das lições que o estudo da admirável personalidade de Copérnico nos oferece.

JOEL RIBEIRO

O ABUSO DAS DROGAS

As drogas podem ser definidas como substâncias que as pessoas absorvem com o intuito de provocar alterações artificiais ao nível das sensações físicas e mentais. Embora a utilização correcta das drogas, sob receita médica, seja um aspecto importante da teurapêutica moderna, o *abuso das drogas*, a utilização sem prescrição destas substâncias para influenciar o corpo e o espírito, tomou tais proporções de há dez anos a esta parte que é considerado actualmente como um dos factores que estão na origem dos grandes problemas internacionais da saúde e do crime.

A droga absorvida pela juventude já não é só um aspecto do problema geral da droga mas assumiu tal importância que se tornou uma preocupação constante para as organizações de juventude, como é o escotismo.

Várias associações escotistas europeias e norte-americanas organizam campanhas de educação contra o abuso da droga. A operação *Reach* é uma dessas iniciativas levadas a cabo pelos Escoteiros dos Estados Unidos. A Secretaria Mundial do Escotismo, através do seu boletim *Idea Exchange*, oferece um pequeno *Guia na floresta das drogas*, preparado pela Organização Mundial da Saúde:

Drogas	Emprego médico	Habituação	Dependência psíquica	Tolerância
Cacto alucinógeno *(mescalina «peyotle»)*	nenhum	não	sim	sim
Fungos alucinógenos *(psilocibina)* .	nenhum	não	sim	sim
Cocaína (derivado da folha de coca)	anestésico	não	sim	não
Anfetaminas (puramente sintéticas)	para tratar a narcolepsia e certas desordens de comportamento	não	sim	sim
Álcool (sob diversas formas) . . .	anti-séptico	sim	sim	sim
Canabina (marijuana, haxixe). . .	não, na moderna medicina	ligeira, muitas vezes inexistente	sim	ligeira, por vezes
Ópio, heroína, morfina, codeína . .	alívio da dor	sim	sim	sim
LDS (sintético derivado da cravagem do centeio e de fungos doutros cereais).	insignificante	não	sim	sim
Alucinógeno de plantas convolvuláceas.	nenhum	não	sim	indeterminada

Habituação à droga é a necessidade absoluta de tomar uma droga, geralmente em quantidades sempre crescentes.

Dependência psíquica é a necessidade de sensação, de evasão ou euforia produzida por uma droga.

Tolerância é a faculdade para suportar a acção de certos medicamentos.

O Centro de Documentação da Secretaria Mundial do Escotismo pode fornecer gratuitamente aos interessados bibliografias sobre o abuso da droga.

Adaptado do «World Scouting Newsletter»

Poemetos Filatélicos

Devido a lapso, ao Poemeto Filatélico, publicado no número anterior, foi dado o número III quando deveria ser LII.

As nossas desculpas.

Gostei sinceramente do nosso Acampamento Nacional — disse-nos o chefe Arnaldo Couto (A. E. P.)

Arnaldo Couto, dedicado chefe do Núcleo de Gaia, foi o Chefe do XII Acampamento Nacional da A. E. P., que se realizou no Porto.

Passada toda a euforia própria dos momentos que se vivem durante o Acampamento e aproveitando uma das suas frequentes visitas à Capital, quisemos ouvi-lo e registar a sua opinião sobre a actividade que ele próprio dirigiu.

— Como decorreu o XII Acnac do ponto de vista de orientação global? — perguntámos.

— «O Acampamento, quanto a mim, foi bom, embora não correspondesse totalmente àquilo que desejávamos. Teve deficiências e não ignoro que algumas foram até grandes. Mas atendendo a que se tratou de um acampamento improvisado, montado em pouco tempo num local que nos foi cedido, onde tudo teve de ser feito, desde a montagem dos postes de iluminação até aos chuveiros e latrinas, improvisados e montados pelos escoteiros.

«Tudo aquilo em tão pouco tempo, graças aos esforços daqueles que se dispuseram a trabalhar no duro.

Em resumo: apesar de algumas falhas, considero o acampamento bastante válido».

— O número de presenças foi escasso, cerca de 500 escoteiros em campo. Acha que se fez a necessária promoção desta actividade junto dos escoteiros?

— «Ora bem. Pela parte dos organizadores, acho que sim, porque houve o cuidado de enviar diversas circulares nesse sentido. Primeiro aos chefes dos grupos, depois aos próprios escoteiros e por último aos pais dos escoteiros, estas enviadas através dos chefes dos grupos.

Não sei se os chefes tiveram o cuidado de distribuir essas circulares, mas o que é verdade é que tivemos essa preocupação, na melhor das intenções, para que os pais pudessem compreender o interesse que teríamos de ver os seus filhos no acampamento, esperando a sua ajuda nesse sentido e, até, a sua participação se o desejassem».

— Essas circulares foram distribuídas por todos os grupos?

— «Exactamente, por todos os grupos, até do Ultramar. Mas devo dizer que verifiquei (não sei de quem foi a culpa) da parte dos grupos do Centro e do Sul quase que um alheamento, pois havendo naquelas zonas um grande número de grupos com um efectivo bastante grande, seria lógico esperar deles uma boa representação. Infelizmente isso não aconteceu».

— Em relação ao Norte, acha que a percentagem de escoteiros foi significativa?

— «Sim. Os grupos do Norte estiveram presentes em força, mas do resto do país o número não chegou a duas centenas».

— Talvez as dificuldades de deslocação dos rapazes tenha obstado à sua presença...

— «Parece-me que as dificuldades de deslocação estavam resolvidas, porque, tanto quanto eu sei, os Serviços Centrais facilitaram os transportes dos rapazes do Centro e do Sul.

«Julgo, no entanto, que nem todos os chefes se aperceberam do interesse da presença dos seus escoteiros numa manifestação escotista de tal envergadura».

— Põe-se-nos a questão de antes de interessar o rapaz na participação no A. N. termos de identificar os chefes com o que este representa no contexto do Movimento.

— «Nesse aspecto, poderei adiantar alguma coisa:

«Nas reuniões que fizemos, quase diárias, durante o decorrer do Acampamento, pude observar que alguns chefes (e aqui não quero distinguir se eram do norte, centro ou sul) nem sempre souberam demonstrar o espírito de escoteiro que deveria existir no dirigente.

«Isso demonstra a necessidade que a nossa Associação tem de estudar as qualidades de cada indivíduo que se propõe ser chefe de um grupo».

— Quais as principais determinantes da realização deste A. N.?

— «Os rapazes do Norte, onde o incremento do Movimento é bastante visível, necessitavam de um Acampamento Nacional no seu meio, como forma de satisfação e de realização pessoal.

«Por outro lado, se pretendemos que os A. N. sejam uma forma de divulgar o Escotismo, não podemos pensar em repeti-los sempre no mesmo local, mas, pelo contrário, procurar localizá-los noutras zonas, mesmo as mais distantes. E não interessa se essas zonas tenham ou não condições especiais para tal actividade.



«Se pretendemos que os acampamentos nacionais sejam uma forma de divulgar o escotismo, não podemos pensar em repeti-los sempre no mesmo local, mas pelo contrário, procurar localizá-los noutras zonas» — eis uma afirmação de Arnaldo Couto ao nosso colaborador Mariano Garcia.

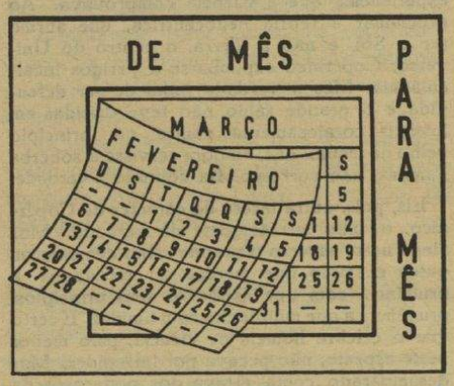
«A principal preocupação que me foi posta quando nos propusemos realizar este A. N. no Porto, foi se conseguiríamos um parque próprio para o efeito. O escotismo, tanto quanto nós aprendemos, é vida ao ar livre, um tanto de aventura, valendo-nos daquilo que a Natureza nos dá. É claro que para uma actividade como esta há condições indispensáveis que não podemos deixar de atender, como sejam abastecimentos de água e luz, condições de higiene, etc.

«Pois tudo isso nos faltava no início e, por fim, tudo se conseguiu por forma satisfatória, graças ao esforço de quantos desejaram que o A. N. se realizasse.

«Este exemplo prova que, se houver um grupo de pessoas verdadeiramente interessadas e entusiastas, se poderá realizar um A. N. em qualquer outro local que não seja o Parque da Caparica, o qual deverá funcionar realmente como um Campo-Escola, com estruturas montadas para esse efeito.

«Resumindo: podemos concretizar as principais determinantes que levaram os chefes do Norte a tomarem sobre si a responsabilidade de realizarem um NACIONAL:

(Continua na página 10)



DIA DA AMIZADE



O dia 24 de Outubro corrente é dedicado pelos Escoteiros Adultos à promoção da Amizade entre todos os membros das Fraternais no mundo. O tema poderá parecer banal numa época em que se buscam frequentemente fórmulas complexas e frases rebuscadas para promover qualquer movimento. Neste caso fomenta-se simplesmente a Amizade, mas esta palavra, na sua singeleza, contém um mundo de sentimentos elevados. A Amizade, só por si, pode conduzir o homem à realização dos mais altos ideais, a actos da maior generosidade, a todas as abnegações. Compreende-se, portanto, que o Movimento Escoteiro em todos os seus escalões procure que a Amizade seja a cadeia forte que una os seus membros e os impulsione para a Acção.

Reconheçamos nós que se a Amizade pode contribuir eficazmente para a solução dos grandes problemas da humanidade, também e com mais facilidade resolverá dificuldades que possam existir para congraçar todos os que prometeram obedecer à Lei do Escoteiro. Fomentemos pois a Amizade!

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número duplo avulso: 5$00 — Assinatura anual: 30$00